

ANA MARTA TIBÉRIO DOS SANTOS

**PERCEÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS
PARENTAIS E PERSONALIDADE**

Orientadora: Bárbara Gonzalez

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

ANA MARTA TIBÉRIO DOS SANTOS

**PERCEÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS
PARENTAIS E PERSONALIDADE**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 11 de Maio de 2016 perante o JÚRI nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 176/2016 com a seguinte composição:

Presidente:

Professor Doutor Américo Baptista

Arguente:

Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientador:

Professora Doutora Bárbara Gonzalez

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

COPELABS

Lisboa

2016

Aos meus pais***

Agradecimentos

Primeiro e sempre aos meus pais, por todas as oportunidades de experiências que me permitiram e que foram fundamentais para a minha formação. Agradeço acima de tudo o seu Amor, sei que sou uma flor no seu jardim. Agradeço todas as suas atitudes positivas, todo o apoio e incentivo que foram fundamentais na superação de todas as dificuldades deste último ano.

À minha irmã, pelo apoio, por ser o meu extremo e equilíbrio.
Ao Pedro, pelo amor, calma, paciência, por cada palavra de incentivo e por estar sempre ao meu lado.

Às minhas amigas, que fazem parte de mim.

Aos meus colegas de turma mais próximos, por todos os momentos partilhados, principalmente à Soraia pela amizade e cumplicidade nestes últimos anos. Foi a minha companheira de trabalhos e estudo.

À professora Bárbara pelo rigor e exigência da confirmação dos fatos, pelo apoio e disponibilidade e pela ajuda ao longo deste processo.

Ao professor Paulo Lopes, pela amizade, compreensão, disponibilidade, calma e apoio, bem como aos professores de estatística por estarem sempre disponíveis.

Aos participantes sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

Muito Obrigado!!!

Resumo

O presente estudo visa identificar as relações entre as dimensões das práticas parentais atribuídas à mãe e ao pai através da percepção retrospectiva vivenciada pelo indivíduo na infância e adolescência de forma a verificar se existe relação com as dimensões da personalidade, na atualidade em adultos. O estudo vai incidir na relação da dimensão suporte emocional com as dimensões da personalidade amabilidade e abertura à experiência. Para tal foram utilizados o questionário de práticas parentais EMBU, adaptado por Canavarro (1996) e o questionário de personalidade NEO-FFI, adaptado por Lima (2002).

Os resultados deste estudo mostraram que: existe correlação positiva entre a dimensão suporte emocional e a dimensão abertura à experiência e amabilidade; existe uma correlação positiva entre a relação que os indivíduos mantêm atualmente com os pais e o Suporte Emocional por parte do pai e da mãe na infância; e que existe uma correlação positiva entre o nível socioeconómico na infância e o Suporte Emocional por parte do pai e da mãe.

Concluiu-se que existem outros fatores para além das práticas parentais que auxiliam na formação da personalidade do adulto.

Palavras-chave: Práticas Parentais, Suporte Emocional, Personalidade, Nível Socioeconómico

Abstract

The main purpose of this study is to identify the relations between mother's and father's parental rearing using a retrospective perception of the individual's childhood and adolescence, so we can verify the relation with the personality dimensions, nowadays as an adult.

The focus of this study is the relation of the emotional warmth dimension with the personality dimensions amiability and openness to experience. We used the Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behavior (EMBU) adapted by Canavarro (1996) and the Five Factor Inventory (NEO-FFI) of Personality adapted by Lima (2002).

The results of this study showed that: there is a positive correlation between emotional warmth with openness to experience and amiability, there is a positive correlation between nowadays relation with the parents and the emotional warmth received by the parents in childhood, and there is a positive relation between the socioeconomic status and the emotional warmth from both parents during childhood.

We have concluded that there are factors other than the parental rearing that help the development of personality as an adult.

Keywords: Parenting Rearing, Emotional Support, Personality

Índice Geral

Introdução	10
Capítulo I – Práticas Educativas	14
1.1 Família e Parentalidade	14
1.2 Aspetos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear	16
1.3 Relações Vinculativas	17
1.4 Comportamento Parental	18
1.4.1 Abordagem tipológica	20
1.4.2 Abordagem Dimensional	22
1.4.3 Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção	23
Capítulo II – Personalidade	26
2.1 Definições de Personalidade	26
2.2 A Linguagem e a Teoria dos Traços (Hipótese Lexical)	28
2.3 Modelo dos Cinco Fatores	28
2.4 Os Cinco Fatores	29
2.5 Caracterização do Modelo dos Cinco Fatores	30
Capítulo III – Práticas Educativas e Personalidade	33
3.1 Práticas Educativas no desenvolvimento e na Personalidade	33
3.2 Objetivos	36
3.3 Hipóteses	37
Capítulo IV – Método	39
4.1 Caracterização da Amostra	39
4.2 Medidas	40
4.2.1 Questionário Sociodemográfico	40

4.2.2 Questionário Práticas Parentais EMBU-memórias de infância, Perris, <i>et al</i> (1980), versão portuguesa de Canavarro (1996).....	41
4.2.3 Questionário de Personalidade NEO-FFI, McCrae e Costa (1989), versão portuguesa de Lima (2002)	42
4.3 Procedimento	43
Capítulo V - Resultados.....	45
5.1 Análise Estatística.....	45
5.2 Análise das diferenças entre sexos.....	45
5.3 Correlações entre as dimensões do NEO-FII e EMBU	46
5.4 Correlações entre as dimensões do NEO-FII e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais, Idade e Habilitações Literárias.....	48
5.5 Correlações entre as dimensões do EMBU e Nível Socioeconómico na infância, Relação atual com os pais, Idade e Bem-Estar Atual.	49
5.6 Características Psicométricas da Amostra em Estudo das escalas do EMBU- Memórias de Infância.....	50
5.7 Características Psicométricas da Amostra em Estudo das escalas do NEO-FFI	50
Capítulo IV - Discussão.....	53
4.1 Discussão	53
4.2 Conclusão.....	58
Capítulo VII – Referências Bibliográficas	61
Apêndice I – Consentimento Informado	I
Apêndice II – Questionario Sociodemografico	III
Anexo I - Questionário de Personalidade NEO-FFI.....	IV
Anexo II - Questionário Práticas Parentais EMBU-memórias de infância	IX

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra por sexos	40
Tabela 2 Diferenças de sexos no NEOFII	45
Tabela 3 - Correlações entre as dimensões do NEO-FII e EMBU	47
Tabela 4 - Correlações entre as dimensões do NEO-FII e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais, Idade e Bem-Estar Atual.....	48
Tabela 5 – Correlações entre as dimensões do EMBU e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais e Bem-Estar Atual.....	49
Tabela 6 - Resultados da análise da consistência interna das escalas do EMBU- Memórias de Infância	50
Tabela 7 – Resultados da análise da consistência interna das escalas do NEO-FFI	51

Abreviaturas

A - Amabilidade

C - Conscienciosidade

E - Extroversão

AE - Abertura à Experiência

N - Neuroticismo

SEP - Suporte Emocional Pai

SEM - Suporte Emocional Mãe

RP - Rejeição Pai

RM - Rejeição Mãe

SpP - Sobreproteção Pai

SpM - Sobreproteção Mãe

NSEI - Nível Socioeconómico na Infância

RAP - Relação Atual com Pais

BEA - Bem-Estar Atual

NEO-FFI - NEO Five-Factor Inventory

EMBU - Questionário Práticas Parentais

M – Média

DP – Desvio padrão

ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

n – Frequência absoluta

% - Percentagem (frequência relativa)

p – Significância

r - Coeficientes de Correlação de Pearson

t – t test (t Student)

χ^2 – Teste Chi-Square

Introdução

O presente estudo visa identificar as relações entre as dimensões das práticas parentais atribuídas à mãe e ao pai através da percepção retrospectiva vivenciada pelo indivíduo na infância e adolescência de forma a verificar se existe relação com as dimensões da personalidade, na atualidade em adultos. O estudo vai incidir na relação da dimensão suporte emocional das práticas parentais com as dimensões da personalidade amabilidade e abertura à experiência. Para tal, foi realizada uma exaustiva revisão da literatura para enquadrar as variáveis em estudo, seguida de um estudo empírico do tipo transversal e correlacional.

Para definir as práticas educativas é pertinente falar da família referindo que tem origem em diferentes aspetos sociais e culturais, o que origina a uma constante alteração do conceito à medida que esses valores sociais se modificam, o que se verificou ao longo da história (De Marque, 2006). De acordo com Minuchin (1982), família implica uma interação entre os elementos que a constituem uns com os outros, e que envolve um conjunto de emoções e afetos que fomentam o sentimento de pertença. Para além da interação entre os elementos constituintes da família, há também uma interação com o meio, através das trocas que estabelecem com o exterior (Alarcão, 2002). Nesta perspetiva, é importante referir o papel do homem e da mulher no contexto familiar. Tal como referido, a família é um conceito em constante mutação, assim como o papel dos progenitores no contexto familiar. Houve ao longo da história uma mudança nos papéis parentais de homens e mulheres. Esta mudança deve-se à profissionalização da mulher abdicando da totalidade do trabalho doméstico, começando o homem a demonstrar interesse no cuidado e criação dos filhos (Luz & Berni, 2010). Este equilíbrio dos papéis parentais leva a uma uniformidade dos estilos e práticas parentais, diminuindo a diferenciação do homem e da mulher, não sendo o homem o único provedor e responsável pelo sustento da família (Crepaldi, 2006), consequentemente contribuindo mais ativamente na educação dos filhos. A família vai desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo a qualidade dessa relação fundamental para o desenvolvimento infantil (McCoby & Martin, 1983).

Existem diversos termos e modelos teóricos que caracterizam os comportamentos que as mães e os pais exercem nos filhos. É importante referir a importância da diferença entre estilos e práticas parentais. Os estilos são manifestações dos pais e referem-se a um padrão de comportamento referente às atitudes dos pais, e engloba para além do tom de voz e linguagem corporal, as práticas parentais (Darling & Steinberg, 1993). As práticas parentais são estratégias utilizadas ou para suprimir um determinado comportamento que possa ser

interpretado pelos pais como inadequado, ou para incentivar comportamentos que estejam de acordo com os valores dos pais (Alvarenga, 2001). De acordo com Darling & Steinberg (1993), as práticas educativas parentais referem-se a comportamentos adotados pelos pais que apresentam um objetivo específico. São referidas como a ação e apresentam um efeito mais direto no desenvolvimento do comportamento infantil. Arrindell & Van der Ende (1984) distinguem três dimensões de práticas parentais sendo o suporte emocional, a rejeição e a sobreproteção. Para a avaliação das práticas parentais utilizou-se o questionário EMBU-memórias de infância, que faz a análise retrospectiva das práticas parentais avaliando a percepção que têm do pai e da mãe durante o período da infância e adolescência. Este questionário está dividido em três dimensões denominadas suporte emocional, rejeição e sobreproteção do pai e da mãe separadamente. Uma análise retrospectiva é considerada dúbia por muitos autores, sendo que são lembranças de acontecimentos passados e que essas lembranças podem ser enviesadas e podem depender da personalidade atual do sujeito, mas segundo Baumrind, este tipo de avaliação é válida sendo que esse enviesamento fornece informação sobre o estado atual do indivíduo.

A personalidade foi outra das dimensões em estudo, sendo que o objetivo do trabalho era avaliar a relação entre a percepção das práticas parentais e a personalidade. Para uma melhor compreensão do tema, foi definido o conceito de personalidade, a teoria dos traços e descrito o modelo dos cinco fatores de McCrae e Costa. Este modelo cria cinco dimensões de personalidade, a amabilidade, extroversão, abertura à experiência, neuroticismo e conscienciosidade. Para avaliar a personalidade obteve-se pela prova NEO-FFI que é uma versão reduzida do NEO-PI validada para a população portuguesa. A grande maioria dos estudos refere que as relações parentais por si só não são suficientes para definir a personalidade no adulto, mas que em junção com outras variáveis apresentam um papel muito importante no desenvolvimento do carácter na infância e na personalidade do adulto.

Para a execução deste trabalho foram utilizados os regulamentos em vigor na universidade, segundo a autoria de Judite Primo & Diogo Mateus, na versão v.5, e das normas da APA (American Psychological Association) para a formatação das referências bibliográficas.

Capítulo I – Práticas Educativas

Capítulo I – Práticas Educativas

1.1 Família e Parentalidade

A família está naturalmente associada a um contexto no qual nascemos, crescemos e morremos, estando envolvida num conjunto de emoções e afetos, formando o sentimento do *self* e de pertença (Alarcão, 2002).

É no espaço familiar que se elaboram aprendizagens e interações significativas como os primeiros contactos corporais, o desenvolvimento da linguagem e as primeiras relações interpessoais, visando a educação e proteção de gerações precedentes, sendo desenvolvidos os sentidos de autoridade, negociação e resolução de conflitos (Alarcão, 2002).

São as relações familiares que promovem o desenvolvimento social, intelectual e emocional dos filhos, ocorrendo os primeiros vínculos emocionais e relações sociais (Parke & Buriel, 2006; Teti, 2002).

O conceito de família surge das diversidades sociais e culturais, que se modificam à medida que os valores sociais se modificam. É uma unidade dinâmica que se transforma ao longo dos tempos, acompanhando as mudanças das diferentes sociedades (Hernández, Rodriguez, & Zamora, 2008; Parke, 2002). Os conceitos comumente utilizados para a definição de família estão associados ao modelo de família ocidental. (De Marque, 2006). Do ponto de vista antropológico e segundo Lévi-Strauss (1972), antropólogo e filósofo francês, a definição de família utiliza-se para definir um grupo social que se origina no casamento, e é constituído por marido e mulher e pelos filhos provenientes da união, e que é configurada a partir da aliança entre o casal (casamento ou legalização conjugal), filiação e consanguinidade. Segundo Minuchin (1982) e a conceção sistémica, a família é um grupo social e o seu comportamento é delineado pela interação entre os seus membros, e os seus membros e o ambiente. O microsistema família é um agente ativo no desenvolvimento das crianças e tem como objetivo fornecer aos jovens contextos de segurança e apoio psicológico, proporcionando diversas oportunidades e experiências.

Há uma procura constante de estabilidade, de forma a manter o equilíbrio, devido a mudanças e transições derivadas das exigências do sistema familiar e das aspirações individuais de cada um dos membros da família, através de negociações constantes (Fleming, 2005) provocando alterações físicas, cognitivas e psicossociais. (Papalia, Olds e Feldman, 2001)

O conceito parentalidade deriva do verbo latino *parere* que significa trazer ao mundo, desenvolver ou educar (Hoghughi, 2004), assumindo os indivíduos o papel parental e as funções a ele associadas, de forma a responder às necessidades dos filhos, facilitando o seu desenvolvimento (Cruz, 2005; Ramey, 2002).

A parentalidade tem sido referida como uma das áreas de estudo que mais tem contribuído para a compreensão do desenvolvimento infantil. É definida como qualquer coisa que os pais fazem, ou falam em fazer, que possa afetar os seus filhos (Locke & Prinz, 2002).

Deste modo a relação pais-filhos assume um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Ocorre uma valorização dos processos cognitivos, resultando na expressividade das crenças que os pais têm sobre o desenvolvimento e educação dos filhos, e dos processos afetivos parentais que derivam da incapacidade de neutralidade do processamento de informação por parte do ser humano (Cruz, 2005).

O estatuto socioeconómico é um aspeto fundamental na dinâmica familiar. Níveis socioeconómicos baixos têm ligação com características familiares que apresentam relações baixas em suporte emocional (Repetti, Taylor & Seeman, 2002). De acordo com a American Psychological Association (2015) o nível socioeconómico está relacionado com a educação, rendimento e profissão e é relevante para as ciências comportamentais e sociais, fazendo parte de pesquisas nas práticas educativas. Estudos indicam que o estatuto socioeconómico afeta a estabilidade familiar, incluindo as práticas parentais e o desenvolvimento infantil. O baixo nível socioeconómico aparenta levar os pais a apresentarem comportamentos mais punitivos, irritáveis, inconstantes (Repetti, Taylor & Seeman, 2002). McLoyd's (1998) sugere que o desenvolvimento da criança pode não depender necessariamente de um baixo nível socioeconómico, mas sim do impacto que provoca nos pais e que consequentemente influencia o desenvolvimento socio-emocional da criança. McLoyd e Wilson (1991) referem, de acordo com a literatura sobre os estudos socioeconómicos e parentalidade, que pais com um baixo estatuto socioeconómico, especialmente as mães, apresentam comportamentos de afeto e suporte mais baixos, sendo mais punitivos. Eccles (1993) nos seus estudos defende que o aspeto principal de parentalidade positiva está relacionado com o suporte emocional. Alguns estudos suportam a teoria que crianças cujos pais são afetivos apresentam níveis de inteligência médios a elevados, conseguem controlar os seus comportamentos e emoções, e têm maior probabilidade de sucesso na vida. Estes resultados são geralmente atribuídos a boas práticas parentais (Masten & Coatsworth, 1998).

1.2 Aspetos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear

A relação com os pais é o primeiro processo de socialização e pode contribuir para a determinação do desenvolvimento e para a construção da identidade, êxito e relação que a criança tem com os outros (Cool, Marchesi & Palácios, 2004; Cruz & Lima, 2012). Ao longo da história foi construída uma conceção que diferencia o papel do homem e da mulher no seio familiar. Esta conceção relativa ao papel do homem e da mulher nas relações familiares são percebidas de formas diferentes, diferenciando a maneira como os pais e as mães se relacionam com os filhos, resultando em diferentes interações parentais. Apesar das mudanças nos papéis sociais, e consequentemente na dinâmica familiar atual, à mulher ainda é atribuído o papel de cuidadora prioritária dos filhos bem como do lar. No modelo de família nuclear a mulher, através do papel da maternidade, ocupa um papel fundamental e imprescindível para a sobrevivência da família (Flandrin, 1992; Favaro, 2007). Este papel de maternidade foi impulsionado por aspetos sociais, políticos, culturais e religiosos, reservando ao homem um papel distante no contexto doméstico, o que contribuiu para que as relações entre pais e filhos e mães e filhos se tornassem quantitativa e qualitativamente diferentes (Silva & Piccinini, 2007).

Apesar das mudanças encontradas atualmente na família contemporânea, ainda existe uma diferença nos papéis realizados entre os homens e as mulheres, principalmente em famílias pouco diferenciadas ou com pouco poder aquisitivo (Luz & Berni, 2010; Madalozzo, Martins & Shiratori, 2008).

É possível afirmar que, ao longo da história, a cultura determinou os papéis do homem e da mulher na família, tornando-se relevante a compreensão das relações familiares (Mora, Otálora & Recagno-Puente, 2005).

Diversas investigações evidenciam que existem diferenças nos padrões vivenciados no contexto familiar, e indicam que existe uma maior interação e identificação com o progenitor do mesmo género, o que gera uma diferença de comportamentos entre rapazes e raparigas. Sempre foi esperado que as filhas se comportassem de uma forma feminina, imitando os comportamentos maternos, sendo amáveis, afetivas e acolhedoras e que evitassem características tradicionalmente masculinas como competição, competência, assertividade e independência. Dos filhos são esperados perfis masculinos de independência, competitividade, autossuficiência, autonomia, apresentando objetivos bem definidos, sendo

encorajados a desenvolver estratégias exploratórias fora do ambiente familiar de forma autónoma (Young, Friesen, Turner & Johana, 1994).

Existem diversos estudos desenvolvidos sobre a importância do papel materno no desenvolvimento infantil, com enfoque no desenvolvimento nos primeiros anos de vida, que vieram enfatizar a realidade existente desse mesmo papel materno, sendo que a psicologia contribui em grande escala para a importância atribuída à díade mãe/criança como a relação primordial imperativa no desenvolvimento infantil, contribuindo para o papel determinante na saúde mental da criança (Grant, 2001), tendo diversos autores contribuído para estes conceitos como Winnicott, Spitz ou Bowlby. De acordo com Winnicott, é através da mãe que a criança inicia um processo saudável de desenvolvimento.

Estudos indicam que atualmente existe uma complementaridade de géneros havendo uma cooperação parental, baseando-se menos nos modelos dos papéis e mais na negociação do casal, aproximando os papéis parentais nas práticas de educar (Brannen, 2003).

Hartup (1979) defendeu que a segurança das relações familiares promove competência de autonomia nos filhos e envolve-os na exploração do mundo exterior à família. Estes dados estão positivamente relacionados com abordagens de vinculação, que afirmam que a qualidade da vinculação está dependente da promoção de comportamentos exploratórios e de autonomia ao longo do desenvolvimento (Ainsworth, 1989).

1.3 Relações Vinculativas

Investigações na área do desenvolvimento centradas nas teorias da vinculação, oferecem maior ênfase às variáveis tipicamente psicológicas ao invés de variáveis sociais. À relação entre pais e filhos, é dada maior relevância à separação psicológica, à vinculação parental, aos estatutos de identidade, e à percepção dos pais e dos filhos sobre a influência que o clima familiar exerce sobre o desenvolvimento do indivíduo (Blustein, Devenis Kidney, 1989; Blustein, Walbridge, Friedlander&Paladino, 1991) Quando são garantidos padrões de vinculação seguros aos filhos durante o seu processo desenvolvimental, os pais estão a incentiva-los à construção de expectativas proporcionando uma maior gama de oportunidades, ao invés de padrões de vinculação evitantes, ambivalentes, que irão inibir os processos exploratórios de autonomia em relação ao mundo externo (Grotevant & Cooper, 1988).

Os contextos familiares que promovem uma relação de cumplicidade e confiança, disponibilizando tempo e proporcionando momentos para atender às necessidades de cada um dos membros, garantem suporte emocional seguro aos filhos, sentindo os pais que têm um

papel significativo no desenvolvimento dos filhos. Por outro lado, contextos familiares caracterizados por ausência de expressão de sentimentos, baixos níveis de comunicação e experiências são responsáveis por o limitar do desenvolvimento dos filhos, gerando desestruturação familiar, onde as figuras de referência deixam de proporcionar valores e convicções de referência. É possível afirmar que o ambiente familiar tem uma influência significativa no comportamento da criança. (Grotevant & Cooper, 1988)

Ao longo das últimas décadas, tem aumentado o número de estudos sobre o papel dos pais no desenvolvimento e manutenção de perturbações de ansiedade, focalizando-se nos efeitos que os estilos e práticas parentais têm no desenvolvimento desse tipo de perturbação (Brown & Whiteside, 2008).

Resultados de diversos estudos têm revelado a importância das relações precoces e das atitudes e comportamento parentais, relativamente a práticas parentais educativas.

1.4 Comportamento Parental

O estudo do comportamento parental fala-nos da relação pais/filhos e da causalidade recíproca de todos os fatores que contribuem para a relação conjunta do processo de socialização, isto é, é uma abordagem holística que não sendo unidirecional, contribui para a construção da interação do fenómeno complexo de desenvolvimento (Parke, 2002).

Os processos que orientam o comportamento parental são o afeto e a cognição (Grych, 2002). Dos processos cognitivos fazem parte os pensamentos, ideias, percepções, expectativas, valores, crenças que dizem respeito à ideia que os pais têm relativamente à educação dos filhos (Rodrigo & Palacios, 2008). Existe uma relação entre os processos cognitivos e afetivos parentais, sendo que dessa relação positiva resulta uma parentalidade positiva (Grych, 2002).

As três características que determinam os processos parentais como determinantes do desenvolvimento da criança são os valores e objetivos parentais, as práticas educativas parentais e os estilos educativos parentais. Os objetivos parentais têm como finalidade transmitir um conjunto de valores, que vão desde a sobrevivência básica até ao respeito pelos valores socialmente aceites nessa comunidade (Ceballos & Rodrigo, 2008). Esses valores e objetivos vão influenciar as práticas e estilos parentais (Darling & Steinberg, 1993).

Com o objetivo de promover a socialização, os pais utilizam estratégias referidas como práticas educativas, disciplinares ou de cuidado (Grusec & Kuczynski, 1980). São geralmente utilizados uma junção de vários métodos, que variam de acordo com a situação.

Esses métodos não são necessariamente consistentes, sendo que variam de acordo com as ações e sentimentos dos pais (Grusec & Lytton, 1988).

Embora os estilos e as práticas parentais estejam relacionados, são conceitos diferentes. Darling e Steinberg (1993) referem a importância da distinção entre práticas e estilos educativos parentais. Assim é possível definir os estilos parentais como “um conjunto de atitudes que são comunicadas à criança/jovem e que todas juntas criam um clima emocional, no qual os pais atuam de determinada forma” (Darling & Steinberg, 1993). É o conjunto global de atitudes, objetivos e padrões de práticas parentais que cria o ambiente para o desenvolvimento da relação pais-criança (Ballash, Leyfer, Buckley & Woodruff-Borden, 2006). As práticas parentais referem-se aos “comportamentos com objetivos específicos através dos quais os pais expressam os seus deveres parentais” (Darling & Steinberg, 1993), isto é, são técnicas de orientação que os pais exercem sobre os filhos em determinados contextos sociais. São conceptualizadas como específicas a diversas interações entre pais e filhos, sendo referidas como atos ou conjuntos de ações específicas (Ballash, Leyfer, Buckley & Woodruff-Borden, 2006). Pode-se deste modo afirmar que as atitudes têm influência sobre o comportamento, mas que ganham expressividade através do mesmo. As práticas parentais podem ser referidas como a ação (o que os pais fazem – p.e. punições, recompensas), e o estilo parental pode ser referido a como a forma que os pais exercem essa ação (como o fazem – p.e. hostilidade, afeto) (Locke & Prinz, 2002). Foram Locke e Prinz que adotaram as definições de Darling e Steinberg (1993) sobre práticas e estilos parentais. Os autores referem que as práticas parentais têm um efeito mais direto no desenvolvimento do comportamento e características específicas das crianças, enquanto o estilo parental fornece um efeito mais indireto.

Estilos parentais que providenciam à criança interações positivas e entusiásticas, onde o adulto segue o interesse da criança, lhe dá atenção positiva e fornece um ambiente responsivo e sensível às suas necessidades, contribuem para a promoção da saúde mental da criança, prevenindo o desenvolvimento de problemas socio- emocionais e comportamentais (Reedtz, Handard & Morch, 2011).

Existem duas abordagens quando nos referimos ao comportamento parental, a abordagem tipológica e a abordagem dimensional. A abordagem tipológica auxilia na identificação dos estilos educativos parentais, e a abordagem dimensional separa as práticas parentais em duas dimensões: controlo e suporte/afeto dos pais em relação aos filhos (Simões, 2011).

1.4.1 Abordagem tipológica

Baumrind propôs uma abordagem tipológica dos estilos educativos parentais, referindo o seu impacto no desenvolvimento infantil, onde refere que não só os aspetos afetivos contribuem para a educação dos filhos, mas também os aspetos comportamentais apresentam uma grande influência. As suas pesquisas enfatizaram a influência da autoridade que os pais exercem sobre os filhos, tendo modernizado a visão de controlo que era definida até então em termos de rigidez e punição física (Darling & Steinberg, 1993).

Baumrind, numa abordagem tipológica, contribuiu de forma fundamental para a controvérsia sobre a influência dos pais no desenvolvimento das crianças, e criou três propostas de estilos parentais que designou de Autoritário, Autorizante / Autoritativo e Permissivo (Baumrind, 1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Parke & Buriel, 2006). Segundo Baumrind, os pais que apresentam um estilo autoritário em relação aos filhos, demonstram pouca afetividade e apresentam elevados níveis de controlo e restrição, sendo que se regem por uma conduta onde exigem obediência incontestável, sendo desencorajada a independência e individualidade onde exercem um controlo psicológico rígido onde as trocas verbais não existem na relação pais/filhos (Darling, 1999). Os pais tentam controlar e influenciar as atitudes e comportamentos dos filhos, favorecendo a punição. Incutem à criança valores tradicionais como o respeito pela autoridade e preservação da ordem, bem como o valor do trabalho (Baumrind, 1966).

O estilo ideal segundo Baumrind, de acordo com as suas definições, é o autoritativo, onde o controlo apresentado é firme, mas onde as relações pais/filhos são afetuosas e calorosas, sendo que os pais respeitam a individualidade e as necessidades dos filhos, promovendo a sua autonomia. Encorajam as trocas verbais e a comunicação onde são partilhadas as razões das decisões tomadas, esperando que os filhos cumpram o que lhes é proposto, sendo que as normas exigidas são claras. São reconhecidos os direitos dos pais bem como os das crianças, havendo contudo uma disposição para uma punição adequada sem contudo exagerar nas restrições. Os pais estão comprometidos com a educação, investindo bastante na mesma promovendo um ambiente intelectualmente estimulante (Baumrind, 1966; MacCoby e Martin, 1983). São incutidos valores sociais, sendo que este estilo educativo aumenta a eficácia da parentalidade agindo os pais como agentes de socialização (Darling & Steinberg, 1993).

Os pais que apresentam um estilo educativo permissivo são afetivos e calorosos, tolerantes às ações dos filhos, bem como aos impulsos e desejos, consentindo que os filhos

monitorizem as suas próprias actividades exigindo poucas regras de rotina, raramente punindo, e evitando impor decisões de autoridade, controlo ou restrição do comportamento, consultando os filhos quanto à tomada de decisões (Baumrind, 1966)

Os estilos educativos indulgente e negligente foram introduzidos mais tarde tendo McCoby e Martin (1983) sugerido o desdobramento do estilo permissivo nestes dois novos estilos parentais, o indulgente e o negligente. O estilo parental indulgente é caracterizado por pais que não impõem regras nem limites, permitindo à criança monitorizar o seu próprio comportamento, sendo excessivamente tolerantes. São geralmente afetivos, comunicativos e estão recetivos a qualquer desejo da criança, satisfazendo todas as suas necessidades. O estilo negligente é definido por pais que não são afetivos nem exigentes, demonstrando pouco ou nenhum envolvimento com o seu papel de formador na socialização da criança, nem controlando o seu comportamento. Ao nível da parentalidade apenas respondem às necessidades básicas da criança, estando essencialmente focados nos seus próprios interesses (Cecconello et al, 2003). Caracteriza-se por um reduzido envolvimento dos pais na vida dos filhos, tanto ao nível do controlo como da afetividade, apresentando uma baixa exigência bem como uma baixa capacidade de resposta. Apresentam um comportamento frio, distante e inacessível, não oferecendo nenhum tipo de ambiente estimulante (Darling, 1999).

Baumrind (1967) refere que os estilos parentais permissivos e autoritários exigem pouco ao nível da maturidade e a comunicação entre pais/filhos é ineficaz.

McCoby e Martin (1983) apresentaram uma teoria que distingue os estilos parentais em dimensões de exigência e responsividade. Referem que os pais autoritativos são os que manifestam maiores valores destas duas dimensões, sendo por isso o estilo mais adequado na formação do desenvolvimento infantil. Os pais autoritários apresentam elevados valores de exigência, mas baixos valores ao nível da responsividade. No sentido inverso os pais que apresentam um estilo parental indulgente apresentam valores baixos de exigência e altos de responsividade. O estilo parental negligente é definido como baixo em exigência bem como na responsividade.

Dornbusch (1987) foi também responsável pelos estudos que separam o estilo permissivo em indulgente e negligente, (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987), assim como Baumrind que contribuiu também para a separação dos estilos indulgente e negligente e que referiu as dimensões exigência e responsividade (Baumrind, 1989, 1991). A autora refere que a responsividade é a medida em que os pais de forma intencional promovem a individualidade, auto-regulação e auto-afirmação da criança através do apoio, do

afeto, do suporte emocional, respondendo às necessidades da criança. Para Maccoby e Martin (1983), a responsividade pode ser referente ao reforço contingente, controlo ou à sensibilidade e adaptação aos sinais, estados e necessidades da criança. A dimensão exigência remete para as exigências de maturidade, supervisão, disciplina e prontidão confrontando a criança e tendo como objetivo a integração da mesma no contexto familiar (Baumrind, 1991; Baumrind, Larzelere, & Owens, 2010).

1.4.2 Abordagem Dimensional

A abordagem dimensional permite distinguir o impacto que as diferentes dimensões do comportamento têm no desenvolvimento da criança. Esta abordagem é caracterizada pelas dimensões de suporte/afeto (afeto – hostilidade) e controlo (permissividade – restritividade). A dimensão suporte/afeto é caracterizada pela interação dos pais/filhos, ao nível do suporte parental, expressividade afetiva, envolvimento positivo, respeitando, compreendendo e aceitando as diferentes facetas e comportamentos da criança em diferentes contextos, apresentando sempre um tom emocional positivo. Esta dimensão dá resposta às necessidades básicas da criança, promovendo a aceitação da mesma (Cummings, Davies e Campbell, 2000). Os estudos de Rohner (2004) referem que quando a criança se sente rejeitada, está mais predisposta a desenvolver problemas de ajustamento, sendo que práticas educativas onde a rejeição e o controlo estão presentes, estão associada a um desenvolvimento mais negativo da criança, podendo manifestar mais problemas de internalização e externalização. (Brown & Whiteside, 2008; Gladstone & Parker, 2005; Muris et al., 2000, 2003; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009). A internalização refere-se às crenças, atitudes e regras comportamentais que a criança assimila de forma natural, sendo incorporadas em valores próprios (Grolnick & Gurland, 2002; Grusec & Ungerer, 2003; Herbert, 2004; Kochanska & Aksan, 2006).

A dimensão controlo engloba estratégias que, tendo como objetivo o cumprimento de regras e normas sociais, é considerado essencial para a socialização da criança. Engloba a disciplina, coerção, indução de culpa, supervisão, controlo hostil, punição, retirada de afeto, e é exigido aos filhos maturidade, sendo esta indispensável no desenvolvimento da criança.

O controlo parental pode ser dividido em duas dimensões, controlo comportamental e controlo psicológico (Kuppens et al., 2009). O controlo parental engloba as ações que os pais utilizam para controlar, gerir, corrigir os comportamentos inadequados da criança,

supervisionando o seu comportamento. Se o comportamento parental anteceder o comportamento da criança, é designado como técnica de controlo e tem como objetivo orientar a ação da criança, servindo de estímulo para alterar o seu comportamento. Se o comportamento dos pais surgir após o comportamento da criança, é considerado uma estratégia disciplinar de controlo com o objetivo de correção de comportamento (Barber, 2006; Cruz, 2005). O controlo psicológico remete para o controlo dos processos psicológicos, recorrendo a técnicas manipulativas das emoções, comprometendo a sua individualidade e autonomia, controlando os sentimentos, expressões verbais e identidade das crianças (Barber, 2006)

1.4.3 Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção

Como referido anteriormente, Darling e Steinberg (1993) sugerem que as dimensões referentes a uma parentalidade adequada podem ser agrupadas em diferentes tipologias, propondo a descrição de características parentais através da divisão e separação dessas tipologias nas suas diferentes componentes, componentes essas que avaliam separadamente os efeitos do envolvimento, do calor parental ou da disciplina. Arrindell e Van der Ende (1984) fazem a descrição de três dimensões de práticas educativas parentais, sendo essas dimensões o suporte emocional, a rejeição e a sobreproteção. Os pais podem exercer comportamentos considerados calorosos e afetivos ou de hostilidade e rejeição (Sadiq, 2012). Sullivan (1953) teoriza que a percepção individual do *self* é uma componente significativa da personalidade. Essa percepção é desenvolvida através da interação com as pessoas significativas no ambiente. Com o passar dos anos as respostas comportamentais apresentadas pelos indivíduos estão de acordo com o seu *self*, e os valores com que o indivíduo se identifica dependem das percepções passadas. De acordo com Lung (2004) a relação pais/filhos tem efeito nas características da personalidade. Emmelkamp (2006) sugere que quando um comportamento é apresentado mais vezes que outros pode ser devido à percepção que os filhos têm os pais, especialmente ao nível da rejeição e suporte emocional reduzido. Este suporte e afeto pertencem a um lado do espectro que se refere à aceitação parental, enquanto o outro lado se refere à rejeição (Rohner, 2000). De acordo com Arrindell e Van der Ende (1984) o suporte emocional refere-se à qualidade da relação de afeto entre pais e filhos, correspondendo aos comportamentos de afeto que os pais exercem sobre os filhos, e à aceitação e aprovação do filho enquanto indivíduo estando confortável na presença dos pais. Esta dimensão é definida como comportamentos de aprovação, encorajamento e expressões verbais e físicas de amor e carinho. Como já referido

do outro lado do espectro encontra-se a rejeição que se refere à ausência destes sentimentos e comportamentos que são substituídos por uma variedade de comportamentos dolorosos ao nível físico e psicológico (Rohner, 2012). A rejeição implica uma tentativa por parte dos pais de modificação das vontades dos filhos e é resultante dos comportamentos dos pais sendo que estes utilizam castigos exercendo força física, privação de objetos ou privilégios, levando a que os filhos se sintam pressionados a se comportarem de acordo com os desejos e vontades dos pais (Arrindell e Van der Ende, 1984). Qualquer combinação das quatro expressões seguintes pode definir a experiência da rejeição parental: frio e pouco afetivo, hostil e agressivo, indiferente e negligente, e rejeição indiferenciada. Por rejeição indiferenciada entende-se que as crenças que têm em relação aos pais são de falta de amor, mesmo que esse não seja o indicador comportamental constante. Em famílias consideradas afetuosas não é desproporcionado que as crianças experienciem, mesmo que ocasionalmente, algumas destas emoções e comportamentos negativos por parte dos pais (Rohner, 2012). Por fim a sobreproteção corresponde ao controlo parental, adotando os pais comportamentos e atitudes intrusivas, controlo excessivo, com o objetivo de evitar a independência do filho (Arrindell e Van der Ende, 1984).

A sensação de segurança e conforto emocional tende a depender da qualidade da relação com os pais, sendo por isso os pais considerados figuras de ligação ou vinculação, tendo uma importância única visto o suporte emocional, a rejeição e sobreproteção influenciarem o desenvolvimento da personalidade ao longo do tempo (Rohner, 2012).

Capítulo II – Personalidade

Capítulo II – Personalidade

2.1 Definições de Personalidade

Personalidade é um termo que nos acompanha desde a infância, sendo que ouvimos esta palavra desde muito cedo. Este termo faz parte da nossa vida no nosso quotidiano, mas é em simultâneo cerne na própria Psicologia. Escutamos inúmeras vezes que uma determinada pessoa tem uma personalidade difícil, uma personalidade muito vincada, entre outras expressões e termos que caracterizam a personalidade dos indivíduos. Um dos autores que estuda este tema Hansenne (2004), desenvolve três grandes razões para a necessidade de adjetivar e caracterizar os indivíduos: a necessidade de estabelecermos definições e imagens dos indivíduos que nos rodeiam; a necessidade de explicar o que nos caracteriza interiormente e que condiciona os comportamentos e as ideias dos indivíduos; a caracterização da personalidade dos indivíduos dá pistas sobre os traços distintivos dos restantes indivíduos permitindo a sua caracterização.

Partindo dos estudos de Allport e posteriormente de Eysenck, poderemos em termos genéricos sintetizar o conceito de Personalidade. Allport (1966) caracteriza a personalidade de forma unitária nos indivíduos possuindo para tal uma estrutura interna. Refere que a personalidade representa no indivíduo uma organização dinâmica, sendo que sistemas psicológicos e físicos determinam o comportamento e pensamentos individuais característicos. Eysenck desenvolve a ideia que a Personalidade é “a organização mais ou menos estável e persistente do carácter, temperamento, intelecto e físico do indivíduo, que permite o seu ajustamento único ao meio” (Eysenck, 1960).

O objetivo do estudo da Personalidade tem por isso uma relevância muito importante de forma a tentar identificar as causas e os processos (McCrae & Costa, 1985) que levam os diferentes indivíduos a terem as emoções descritas, a comportar-se como se comportam, a estabelecerem as relações com os outros, a sentirem-se motivados ou desmotivados, no fundo a viverem como vivem (McCrae & John, 1992).

Diversos autores têm abordado de diferentes formas o tema da Personalidade, de como esta se transforma e evolui, das variáveis que influenciam o seu desenvolvimento, de qual a importância desta no comportamento dos indivíduos e da sua importância nas relações sociais, bem como da forma que interage nos momentos positivos e negativos do indivíduo. (Aiken, 1999).

A ideia central na teoria da Personalidade é a denominada teoria dos traços de personalidade. Os primeiros autores a desenvolverem a expressão traço para caracterizar géneros de personalidade foram Allport e Odbert (1936). Outros autores como Cattell e Eysenck, desenvolveram e trabalharam a Personalidade com base na teoria referida. O estudo de Pervin e John (2008) confirma a introdução de análise de fatores no âmbito da teoria dos traços, e traz um novo elemento para esta teoria que é a visão sistémica (Eysenck, 1991) trabalhando esta teoria sobre dois modelos.

Eysenck é uma referência para a compreensão desta teoria pois refere que existem semelhanças e relações numa modelização de características hierarquizadas. Este autor propõe um funcionamento da teoria com diversos níveis, de onde o próprio assume diversas correlações entre a personalidade com características diferenciadas, mas que desenvolvem entre cada uma delas estruturas cada vez mais complexas (Eysenck, 1992).

Tendo por base os contributos destes autores para a Teoria dos traços, é possível afirmar que os primeiros níveis da estrutura teórica da Personalidade são referentes a atos isolados ou estados passageiros conforme nos referem McCrae & Costa (2006) ou Eysenck (1991). No patamar seguinte encontram-se os comportamentos habituais e comuns. A este patamar corresponde o nível dos traços, no qual os comportamentos se relacionam uns com os outros. Este conjunto está colocado na estrutura num nível hierarquicamente superior, sendo constituídos por diversos tipos, fatores ou dimensões (Eysenck, 1960). Eysenck (2006) defende um modelo biossocial da Personalidade, ou seja, este autor desenvolve a compreensão que as bases biológicas influenciam determinantemente as diferenças individuais ao nível dos traços. Através de estudos experimentais e correlacionais, bem como de análise estatística, Eysenck propõem o modelo de três fatores de Personalidade, criando o sistema PEN, Psicoticismo, Extroversão e Neuroticismo, como fatores de personalidade universais e temporalmente consistentes, possuindo uma grande componente hereditária e biológica (Eysenck, 2006).

As dimensões das diferenças individuais definem-se atualmente como traços de Personalidade, os quais tendem a apresentar padrões consistentes de pensamento, de ações e sentimentos (McCrae & Costa 2006). Estas características de base, embora sejam originárias no próprio indivíduo, são na generalidade avaliadas por metodologias experimentais de base empírica levando a hipóteses que possibilitam de uma forma geral a explicação do próprio comportamento dos indivíduos (Goldberg et al., 2006, McCrae & Costa, 2007).

2.2 A Linguagem e a Teoria dos Traços (Hipótese Lexical)

Para a Teoria dos Traços uma das linhas de abordagem mais importantes é a linguagem, isto é, a participação da “linguagem natural” dos próprios traços (McCrae & Costa, 2006). Iniciada por Galton esta proposta de hipótese faz a estimativa das expressões que descrevem a personalidade na língua inglesa (Goldberg, 1990).

Os teóricos Allport e Odbert (1936) desenvolvem a ideia na qual o princípio anterior é válido mas relativo a qualquer léxico, ou seja, o Homem independentemente da língua, procura encontrar palavras e expressões que lhe permitam avaliar e identificar os outros em termos das suas disposições e dos seus processos mentais. Ter este conhecimento leva a que as palavras e os termos utilizados não sejam aleatórios e arbitrários, mas sim que desenvolvam uma caracterização que permite ao indivíduo controlar e melhor compreender os outros.

As palavras que dizemos e o dicionário que utilizamos têm os referentes das dimensões da Personalidade levando por seu turno a uma organização de grupos com base em características comuns que descrevem a Personalidade na população em geral. Neste âmbito foram determinantes os estudos de Allport e Odbert (1936) e de Norman (1967) com a listagem de 4500 e 2800 termos respetivamente. Cattell desenvolveu a análise destas palavras e reduzi-os e sintetizou-os, criando um modelo com apenas 16 fatores da Personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

2.3 Modelo dos Cinco Fatores

Um outro modelo foi desenvolvido por McDougall (1932) o qual confere a vantagem analítica a cinco fatores de análise diferentes mas interligados e sem possibilidade de separação. Esta proposta de análise teórica foi confirmada por Goldberg (1992) quando através da perspetiva lexical desenvolveu um estudo em torno da adjetivação dos traços, garantindo através desta cinco fatores bastante vinculados. É importante referir que em simultâneo outros autores utilizando diferentes instrumentos e amostragens chegaram ao mesmo número de fatores com as mesmas características vinculadas. Esta confluência de estudos e de conclusões fortaleceu o modelo dos Cinco Fatores da Personalidade, também conhecido pelo Big Five (McCrae & John, 1991)

Assim esta organização de nomes com base em características comuns, a qual permite a compreensão dos traços e as consequentes disposições relativas à Personalidade (McCrae,

2010), poder-se-á organizar em cinco grandes dimensões básicas (McCrae & Costa, 1997 e Goldberg, 1990).

Todos os estudos realizados com base no modelo dos Cinco Fatores da Personalidade em conjunto com o Inventário da Personalidade NEO resultaram no desenvolvimento da Teoria dos Cinco fatores (McCrae & Costa, 2006). Esta é uma Teoria Geral dos Traços que oferece e explora a interpretação dos nomes com base em características comuns relativas ao Big Five (John, Naumann & Soto, 2008). Devido a esta interpretação poder-se-á dizer que a Personalidade é um sistema que integra o biológico e o sociocultural, ambos num âmbito psicológico (McCrae, 2010).

2.4 Os Cinco Fatores

Não existe um consenso entre os especialistas no que respeita aos questionários que utilizam e à caracterização feitas dos Fatores como refere o estudo de John et al (2008). Conseguem contudo reunir maior consenso relativamente aos cinco fatores bipolares sendo: Extroversão vs Introversão (fator I); Amabilidade vs Antagonismo (fator II); Conscienciosidade vs Irresponsabilidade (fator III); Neuroticismo vs Estabilidade Emocional (fator IV) e Abertura à experiência e Convencionalidade (fator V) (McCrae & Costa, 1997).

O primeiro fator refere-se ao número e à intensidade das relações interpessoais e a caracterizações relativas a necessidade de estímulos, níveis de atividade e de alegria (Costa e Widiger, 2002). Uma maior extroversão indica maior sociabilidade, mais atividade e maior expressividade oral (John et al., 2008). Estes indivíduos são caracterizados como sendo mais otimistas procurando diversão. Nesta dicotomia a oposição é caracterizada por valores mais baixos, ou seja, a introversão refere-se a indivíduos mais tímidos, reservados, menos comunicativos, com maior independência (Costa e Widiger, 2002).

No segundo fator os indivíduos com elevada amabilidade são geralmente considerados muito afetuosos não sendo tão conflituosos. São simpáticos, honestos, altruístas, apresentando maior ingenuidade. Dicotomicamente apresentam-se indivíduos agressivos, irritáveis, críticos, vingativos, manipuladores e com menor capacidade colaborante. Este fator, tal como o primeiro, consiste em interações interpessoais (Costa & Widiger, 2002).

No terceiro fator, os âmbitos de análise centram-se na organização, orientação para os objetivos com base motivacional, persistência e controlo. Assim quanto mais consciencioso tendencialmente mais organizado, competente, eficiente, perseverante, disciplinado, eficiente e com mais perseverança. Os indivíduos com maior irresponsabilidade tendencialmente

tendem a construir uma má opinião quanto às suas capacidades, tendem a ter menos objetivos definidos, com menor índice motivacional, mais negligentes e são menos cuidadosos (Costa & Widiger, 2002)

O quarto fator é referente aos níveis de ajustamento e instabilidade emocional. Assim indivíduos com altos níveis de Neuroticismo são tendencialmente ansiosos, com forte sentimento de culpa, temperamentais, com sentimento de inferioridade, elevados níveis de tristeza, impulsivos, envergonhados, inadequados, apresentando dificuldade de lidar com stress. Por oposição encontram-se indivíduos calmos, sem grandes referenciais de experiências negativas, sem grande nível de embaraço social e uma maior capacidade de tolerarem a frustração (Costa & Widiger, 2002).

O quinto fator é relativo à procura de novas experiências sendo pouco convencionais (Costa & Widiger, 2002). Indivíduos que apresentem maior abertura à experiência desenvolvem mais a sua imaginação, originalidade e apresentando um leque de interesses variados (John et al., 2008). No sentido oposto, níveis mais baixos neste fator representam indivíduos mais convencionais ao nível das crenças e atitudes, simples, rígidos, mais dogmáticos, mantendo comportamentos definidos (Costa & Widiger, 2002).

2.5 Caracterização do Modelo dos Cinco Fatores

Este modelo insere-se na abordagem da Teoria dos Traços, o qual demonstra que a Personalidade é organizada por uma estrutura hierárquica, na qual se definem 5 traços superiormente e traços específicos num nível inferior (Diener & Scollon, 2002; e McCrae, 2010). No desenvolvimento desta ideia pode assumir-se que as dimensões e traços patentes são estruturalmente universais. Contudo a bibliografia demonstra que existe uma diferenciação cultural ligeira, mas ainda assim significativa, nos perfis da personalidade (McCrae & Costa, 1995 e 1997; McCrae et al., 1999; McCrae et al., 2005 a) e b); Benet-Martinez & John, 1998).

Assim a Personalidade atinge a sua maturidade no início da idade adulta (Costa et al., 1986; Hopwood et al., 2011; McCrae, 1993). Daí em diante as características mantêm-se com estabilidade ao longo desse período, ainda que alguns estudos refiram mudanças com maior maturidade dos indivíduos (Boyce, Wood & Powdthavee, 2013; Costa et al., 1986; McCrae et al. 2005 a); Terracciano, McCrae & Costa, 2010). Pode-se ainda referir que a personalidade difere entre os géneros, verificando-se pequenas diferenças nos níveis de

Neuroticismo e Amabilidade. Estes indicadores têm níveis mais elevados no género feminino (Costa, Terracciano & McCrae, 2001).

No modelo Big Five, bem como noutros modelos de personalidade, é verificado que os fatores possuem uma grande base biológica. No entanto importa referir a importância e interferência de questões ambientais (Scollon & Diener, 2006; McCrae & Costa, 1995; McCrae, Yik, Trapnell, Bond & Paulhus, 1998; Botwin & Buss, 1989; Bouchard & Loehlin, 2001; Jang, McCrae, Angleitner, Riemann & Livesley, 1998; Jang, Livesley, Angleitner, Riemann & Vernon, 2002; Hopwood et al., 2011)

A Teoria dos Cinco Fatores, devido à estabilidade e à influência biológica, sugere que a sua origem é interna, ou seja, do próprio indivíduo sendo pouco plausível uma influência direta do ambiente (McCrae, 2010). No entanto, diversos estudos longitudinais propõem mudanças na personalidade referindo que o meio ambiente interage de forma a influenciar os traços. Indivíduos com mais de trinta anos demonstram tantas alterações como os de idade inferior, sendo determinante a relação com fatores circunstanciais da sua vida. (Scollon e Diener, 2006).

Acredita-se que mudanças ao nível da Personalidade podem trazer benefícios prevenindo determinadas doenças físicas e mentais, podendo melhorar comportamentos sociais contribuindo para uma melhor qualidade de vida, contribuindo para uma maior criatividade dos indivíduos. (Boyce et al., 2013; Scollon & Dieter, 2006).

Capítulo III – Práticas Educativas e Personalidade

Capítulo III – Práticas Educativas e Personalidade

3.1 Práticas Educativas no desenvolvimento e na Personalidade

O primeiro contexto de socialização é a família, e como tal vai desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento e comportamento da criança (Baumrind, 1991; Parke&Buriel, 2006). Desse contexto de socialização advém as relações mais precoces, sendo a qualidade dos cuidados parentais uma das variáveis mais importantes para o desenvolvimento infantil (Sroufe, 2002)

Atualmente atribui-se uma grande importância à parentalidade, visto a interação entre pais e filhos exercer uma forte influência no desenvolvimento adaptativo das crianças (Cummings, Davies e Campbell, 2000; Darling e Steinberg, 1993; Maccoby e Martin, 1983; Pereira, 2007).

Autores com Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges & Monteiro (2011), Andrade (2010), consideram que o papel do ambiente no desenvolvimento das crianças é uma das questões mais importantes da psicologia, considerando o papel dos pais e o cenário familiar imprescindível ao seu desenvolvimento. Os pais devem assumir responsabilidade no efeito e influência do meio social (Cruz & Lima, 2012; Campos & Cruz, 2011; Belsky, 2005; Steinberg, 2001).

Outros autores basearam os seus estudos na comparação dos comportamentos parentais, tendo verificado que as mães revelam valores mais elevados nas dimensões de suporte emocional, controlo e rejeição (Simões, Farante & Pocinho, 2011). Contudo, estudos como os de Weber e colaboradores (2004) verificaram que não há diferenças significativas entre a mãe e pai relativamente às práticas parentais que exercem.

Estudos revelam que o estatuto sociocultural e económico são determinantes nas expectativas dos filhos, nomeadamente o nível de educação e profissão principalmente do pai, apesar de, em menor grau, os níveis de educação e profissão da mãe também apresentarem alguma relevância. Estes níveis servem como indicadores de sucesso à descendência, principalmente quando se trata de filhos rapazes (Schulenberg, Vondrace & Crouter, 1984). Existe uma tendência de transmissão de valores que os pais considerem importantes para o sucesso dos filhos. Pais cujo nível socioeconómico é mais elevado, valorizam a autonomia dos filhos e proporcionam experiências exploratórias, no sentido de desenvolver a competitividade, independência, autossuficiência e assertividade, ao invés dos pais com um

nível socioeconómico não tão favorecido onde é valorizada a conformidade à autoridade, dando importância a atitudes de obediência na educação dos filhos, estando por isso reduzidas as oportunidades de exploração e formação independentes futuras (Hoffman, 1984; Imaginário, 1990).

Várias investigações revelam que os contextos familiares que oferecem segurança emocional, sendo os filhos encorajados num ambiente simbólico e expressivo, lhes fornecem intenções explorativas mais fortes e positivas, sendo facilitadores motivacionais (Farmer, 1980).

Um dos maiores determinantes da personalidade de um adulto é a interação dos pais com a criança. A cultura e valores religiosos parentais, e determinados padrões de comportamento específico são transmitidos pelos pais (Spinetta & Rigler, 1972).

As evidências do ponto de vista científico, sobre a influência das práticas educativas parentais na personalidade do adulto é bastante limitada, contudo os estudos de Kohlberg, Ricks e Snarey (1984), concluíram a partir da revisão de estudos sobre o desenvolvimento que “common belief that the experiences of the first few years of life determine the development of a person for the rest of his or her life is generally a myth”, isto é, estes autores concluíram que as experiências presentes nos primeiros anos de vida não determinam o desenvolvimento de uma pessoa para o resto da vida. McCrae e Costa (1994) afirmam que muitas das correlações encontradas na literatura, incluindo nos seus próprios estudos, apresentam um valor baixo, concluindo que as práticas parentais por si só não apresentam uma relevância muito elevada no desenvolvimento da personalidade, sendo que, segundo Rosenthal e Rubin (1982) as práticas parentais são um de muitos fatores que podem interagir, fornecendo uma contribuição para a explicação de como o indivíduo se tornou no que é. A genética comportamental contribuiu com estudos cujo objetivo era a tentativa de definir a personalidade como sendo influenciada por questões genéticas, ambiente familiar partilhado e ambiente familiar único ou específico pais/filho(a) (Rosenthal e Rubin, 1982). Vários outros estudos concordaram com as descobertas que ambientes familiares partilhados contribuem pouco na personalidade do adulto. Os ambientes familiares partilhados pelos filhos incluem as práticas parentais, mas também o estatuto social da família, religião, questões económicas, entre outros, sendo que todas estas questões terão uma parte de influência no desenvolvimento da personalidade do adulto (Hewitt, 1984). Estas conclusões são fundamentadas pelas diferenças na personalidade de irmãos, partindo do pressuposto que as crianças tiveram o mesmo estilo de educação (Costa & McCrae, 1987). Houve bastante investimento por parte de

desenvolvimentistas no estudo dos efeitos das práticas parentais no desenvolvimento das crianças, no entanto estes estudos são realizados no período da infância e adolescência, o que permite pouca informação sobre a consequência dessas práticas a longo termo na idade adulta (McCrae & Costa, 1988).

Belsky (2005) defende a teoria de que o comportamento parental pode ser uma consequência das características dos filhos. Que as características das crianças, como o temperamento, podem contribuir para o ajustamento das práticas parentais, condicionando o comportamento parental. Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que crianças com temperamento considerado fácil promovem uma permissividade e autoridade mais democrática por parte dos pais, e crianças com um temperamento considerado mais difícil suscitam um comportamento mais autoritário por parte dos pais. Pode ser mais difícil aos pais exprimir amor a uma criança com pontuações elevadas na dimensão neuroticismo, e consequentemente com tendências ansiosas, com maiores níveis de irritabilidade e comportamento impulsivo, do que a uma criança com um comportamento adaptativo.

Para uma melhor compreensão da influência das práticas parentais na personalidade do adulto seriam necessários estudos longitudinais, onde seria possível fazer uma avaliação das práticas educativas recebidas na infância e uma posterior avaliação da personalidade na idade adulta. Uma alternativa a essa investigação são os estudos retrospectivos, nos quais os relatos do indivíduo adulto relativamente à relação com os pais durante a infância são correlacionados com a sua personalidade. Há contudo um grande ceticismo relativamente a estudos retrospectivos, sendo que os indivíduos estão suscetíveis a recordações e reconstruções em relação a aspetos passados da sua vida (Yarrow, Campbell, & Burton, 1970).

Os laços emocionais entre pais e filhos estão geralmente destacados como influências formativas pelo que é importante ponderação na avaliação retrospectiva da personalidade. Os estudos retrospectivos podem estar comprometidos por respostas enviesadas sendo que os indivíduos que descreveram o comportamento dos pais também oferecem informação sobre a sua personalidade, isto é, a percepção que têm dos pais pode ser tendenciosa e influenciada pelos próprios traços de personalidade. Indivíduos com pontuações elevadas na dimensão amabilidade, têm geralmente facilidade em confiar, são mais brandos, clementes e compreensivos. O fato de lembrarem os pais como relativamente mais amáveis pode simplesmente refletir a sua avaliação benevolente em relação aos outros. De uma forma semelhante, indivíduos com pontuações na dimensão neuroticismo, que tendem a estar

insatisfeitos com todos os aspetos da vida em geral, podem culpabilizar os seus pais e recorda-los como pais com comportamentos de rejeição (McCrae & Costa, 1988).

O bem-estar pode também influenciar a qualidade de vida e consequentemente a percepção que têm das práticas parentais. O bem-estar envolve processos afetivos como os sentimentos e cognitivos como a satisfação com a vida (Petito & Cummins, 2000). O bem-estar é construído a partir de experiências individuais e da percepção e avaliação dessas experiências, e não se refere apenas à ausência de aspetos negativos e inclui as relações afetivas (Diener, 1984). Os estudos de Hetherington e Stanley-Hagan, 1999) referem que um bom ambiente familiar, baseado no suporte, aceitação e consequentemente na relação com os pais, contribui para a autonomia e bem-estar individual, o que pode alterar a percepção atual das práticas de educação adotadas pelos pais.

Contudo, os estudos retrospectivos não devem ser descartados, sendo que várias investigações demonstram uma correspondência entre autorrelatos relacionados com experiências ocorridas durante a juventude e avaliações independentes recolhidas na altura (Ross & Conway, 1986).

Os estudos genéticos que se focam na avaliação da personalidade, avaliam mais frequentemente as dimensões da extroversão e neuroticismo (Eaves & Eysenck, 1975) e devem ser incluídos nos efeitos das relações pais/filhos. Mais recentemente diversos estudos referem a importância das restantes três dimensões do modelo dos cinco fatores de personalidade, a abertura à experiência, a amabilidade e a conscienciosidade. Estas dimensões são necessárias para fornecer uma avaliação mais compreensiva da personalidade do adulto, e são vistas como sendo mais dependentes de aspetos ambientais quando comparadas ao neuroticismo e extroversão.

3.2 Objetivos

O objetivo principal desta investigação é o de identificar a relação entre as dimensões das práticas parentais atribuídas ao pai e à mãe na infância do indivíduo e as dimensões da personalidade do indivíduo na idade adulta verificando também se existem diferenças entre géneros. Especificamente, o foco incide na dimensão suporte emocional e na sua relação com as dimensões da personalidade amabilidade e abertura à experiência. Paralelamente pretendeu-se ainda avaliar a relação entre as dimensões das práticas parentais e aspetos como nível socioeconómico na infância e a qualidade da relação com os pais na atualidade.

3.3 Hipóteses

Considerando os objetivos desta investigação, este estudo apresenta como hipóteses:

H1: É esperado que exista correlação positiva entre a dimensão suporte emocional e as dimensões abertura à experiência e amabilidade.

H2: É esperado que exista correlação positiva entre a relação que os indivíduos mantêm atualmente com os pais e o Suporte Emocional atribuído ao pai e à mãe na infância.

H3: É esperado que exista correlação positiva entre o nível socioeconómico na infância e o Suporte Emocional atribuído parte do pai e da mãe.

Capítulo IV – Método

Capítulo IV – Método

4.1 Caracterização da Amostra

Para o presente estudo foi utilizada uma amostra não de conveniência, em função da sua acessibilidade e disponibilidade, tendo como critérios de exclusão serem maiores de 18 anos, não terem nacionalidade portuguesa.

A amostra é constituída por 120 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos, sendo a média de idade 36,62 (DP= 10,23). Da amostra total 84 são do sexo feminino (70%) e 36 são do sexo masculino (30%) e 100% de nacionalidade Portuguesa. No estado civil 50 (41,7%) são solteiros/as, 61(50,8%) são casados/as ou vivem em união de facto, 7(5,8%) são divorciados/as, 2(1,7%) são viúvos/as. Em relação às habilitações literárias 5(4,2%) completaram o 3º ciclo (7º a 9º ano), 21(17,5%) o ensino secundário (10º a 12º), 18(15%) tiveram frequência universitária, 52(43,3%) têm uma licenciatura e 24(20%) um mestrado ou doutoramento. Em relação à situação laboral atual 91(75,8%) estão atualmente a exercer funções, 10(8,3%) encontram-se desempregados/as, 4(3,3%) reformados/as, 6(5%) são estudantes, e 9(7,5%) são trabalhadores/estudantes. Relativamente à parentalidade 55(45,8%) refere ter filhos e 65(54,2%) não tem filhos. 6(5%) considera que o nível socioeconómico na infância era baixo, 18(15%) médio-baixo, 46(38,3%) médio, 45(37,5%) médio-alto e 4(3,3%) alto. 83(76,6%) refere que os pais estão vivos, 24(20%) refere que apenas a mãe está viva, 7(5,8%) referem que apenas o pai está vivo e 6(5%) indivíduos referem que os pais já não se encontram vivos. 90(75%) mantêm atualmente contacto com os pais, 19(15,8%) apenas mantém contacto com a mãe, 3(2,5%) mantém relação apenas com o pai, e 8(6,7%) não mantém contacto com nenhum dos progenitores. Em relação à qualidade da relação atual com os pais 7(5,8%) refere que é inexistente, 2(1,7%) considera que a relação é má, 15(12,5%) considera a relação média, 38(31,7%) refere a relação atual com os pais como boa, e 58(48,3%) como muito boa. Em relação ao bem estar atual, 27(22,5%) considera o muito bom, 70(58,3%) bom, 20(16,7%) médio e 2(1,7%) mau. Os critérios de inclusão são todos os participantes terem nacionalidade Portuguesa e os critérios de exclusão são menores de 18 anos.

Na tabela 1 é apresentada a caracterização em função do sexo.

Tabela 1. Caracterização da amostra por sexos

	Masculino (n=36)		Feminino (n=84)		<i>t</i>	<i>P</i>
	N	M(DP)	N	M(DP)		
Idade	36	37,0(10,2)	84	36,5(10,3)	,268	,789
	N	%	N	%	χ^2	<i>P</i>
Mantém atualmente contacto com os seus pais					9,883	,020
Sim	22	61,1%	68	81,0%		
Apenas com a mãe	11	30,6%	8	9,5%		
Apenas com o pai	0	0,0%	3	3,6%		
Não	3	8,3%	5	6,0%		
Qualidade da relação atual com os pais					3,366	,499
Inexistente	2	5,6%	5	6,0%		
Má	1	2,8%	1	1,2%		
Média	7	19,4%	8	9,5%		
Boa	12	33,3%	26	31,0%		
Muito boa	14	38,9%	44	52,4%		
Como avalia o seu bem-estar atualmente					2,010	,570
Mau	0	0,0%	2	2,4%		
Médio	8	22,2%	12	14,5%		
Bom	21	58,3%	49	59,0%		
Muito bom	7	19,4%	20	24,1%		

4.2 Medidas

4.2.1 Questionário Sociodemográfico

Para a recolha de um conjunto de dados sócio-demográficos, foi elaborado um questionário com questões relativas ao género, idade, nacionalidade, estado civil, habilitações literárias, profissão, situação laboral, filhos, medicação e acompanhamento psiquiátrico, se

mantém contacto com os pais e qual a qualidade da relação, nível socioeconómico na infância, problemas e acompanhamento psicológico na infância.

4.2.2 Questionário Práticas Parentais EMBU-memórias de infância, Perris, *et al* (1980), versão portuguesa de Canavarro (1996)

Para avaliar percepção retrospectiva das práticas parentais vivenciados na infância e adolescência utilizou-se o questionário EMBU Memórias de Infância (*Inventory for Assesssing Memories of Parental Rearing Behaviour*). A palavra EMBU corresponde às iniciais da versão original sueca Egn Minnen av Barndoms Uppfostram. A primeira versão da prova foi construída por C. Perris, L. Jacobson, H. Lindstrom, L. Van Knorring, H. Perris (1980) e procura medir a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas durante o período da infância e adolescência do indivíduo em relação ao pai e à mãe separadamente. Para a avaliação dessas ocorrências é utilizada uma escala de Likert de 4 pontos “Não, nunca”, “Sim, ocasionalmente”, “Sim, frequentemente” e “Sim, a maior parte do tempo”. Desta escala surgiram três fatores que foram descritos por Arrindell e Van der Ende (1984), sendo a rejeição, suporte emocional e sobreproteção.

A versão portuguesa desta escala foi descrita por Canavarro (1996) e recebeu a designação de Memórias de Infância, sendo utilizada a sigla EMBU dado ser a designação mais corrente na literatura. Trata-se de uma versão abreviada do inventário desenvolvido por Arrindell et al. (1994) e é constituída por 23 itens devendo o respondente dar resposta a 23 itens em relação à Mãe e a 22 itens em relação ao Pai, de forma independente. A escala é composta pelos três fatores: Suporte Emocional (para o Pai e para a Mãe 7 itens; itens 2, 6, 9, 12, 14, 19 e 23); Rejeição (para o Pai 8 itens; itens 1, 4, 7, 10, 13, 15, 16 e 22; para a Mãe 9 itens; itens 1, 4, 7, 10, 13, 15, 16, 21 e 22) e Sobreproteção (para o Pai e para a Mãe 7 itens; itens 3, 5, 8, 11, 17, 18 e 20). Esta versão foi tornada viável à utilização científica por Canavarro (1996), no entanto não pode ser considerada uma aferição pois não teve em consideração a região geográfica do país e o tipo de residência, acabando por não cumprir de forma rigorosa o conceito de aferição. Os estudos de precisão e validade foram realizados apenas na região centro do país, e esta versão não apresenta estudos normativos. O estudo da consistência interna apresenta valores de *alpha* ligeiramente abaixo do indicado para o total dos itens sendo de .541 para o pai e .661 para a mãe. De acordo com Sechrest (1984) a maioria dos investigadores considera que os valores adequados se encontram entre .7 e .8, no entanto refere também que estes valores subestimam a fiabilidade dos itens. Esta escala, de acordo com a autora, possui boa estabilidade temporal.

4.2.3 Questionário de Personalidade NEO-FFI, McCrae e Costa (1989), versão portuguesa de Lima (2002)

De acordo com Lima (2000) O Five Factor Inventory (NEO-FFI) é a versão abreviada correspondente ao NEO PI-R e foi desenhado com o objetivo de ser uma medida rápida, fiável e válida de avaliação dos cinco domínios da personalidade.

O inventário foi criado por McCrae e Costa (1989) e adaptado à população Portuguesa por Lima (2002) e promove a compreensão das medidas de personalidade que se distinguem em cinco domínios distintos: a Extroversão (E) que corresponde aos itens: 2, 7, 12, 17, 22, 27, 32, 37, 42, 47, 52 e 57; a Amabilidade (A) que corresponde aos itens: 4, 9, 14, 19, 24, 29, 34, 39, 44, 49, 54, e 59; a Conscienciosidade (C) que corresponde aos itens: 5, 10, 15, 20, 25, 30, 35, 40, 45, 50, 55 e 60; o Neuroticismo (N) que corresponde aos itens: 1, 6, 11, 16, 21, 26, 31, 36, 41, 46, 51 e 56; e a Abertura à Experiência (O) que corresponde aos itens: 3, 8, 13, 18, 23, 28, 33, 38, 43, 48, 53 e 58. Allemand, Zimprich e Henriks (2008), referem que a proposta destes cinco fatores tem a finalidade de diminuir as diferenças individuais nos traços de personalidade humana.

O NEO-FFI é constituído por 60 itens de afirmações que o sujeito deverá avaliar segundo uma escala de lickert de 5 pontos, desde o “Discordo fortemente” (1) ao “Concordo totalmente” (5).

Cada uma das cinco dimensões contém itens invertidos. A dimensão Conscienciosidade apresenta como itens invertidos os itens 15, 30, 45 e 55; a dimensão Neuroticismo os itens 1, 16, 31 e 46; a dimensão da Extroversão os itens 12, 27, 42 e 57, a dimensão Amabilidade os itens 24, 29, 39, 44 e 54; e a dimensão Abertura à Experiência os itens 18, 23, 33, 38 e 48.

A validade do instrumento, de acordo com McCrae e Costa (1992) considera uma diversidade de critérios externos, bem como o seu poder preditivo contidos nas suas escalas. São diversos os estudos que confirmam a relação entre as diversas variáveis e os domínios do NEO.

No que refere à fidelidade do instrumento, as escalas do NEO-FFI apresentam correlações de .75 a .89 com os fatores do NEO-PI, revelando uma consistência interna de .74 a .89, na amostra original americana, e de .56 a .81, na amostra portuguesa (Lima, 2002).

Segundo Lima (2002) os resultados do NEO-FFI relativos à validade e fidelidade são convincentes. Refere ainda que apesar de ter sido construído para a população portuguesa,

este é um dos poucos testes de personalidade que pode ser aplicado a jovens a partir dos 17 anos de idade de todos os níveis de escolaridade e de diversos estatutos sociais.

4.3 Procedimento

O desenho da investigação é definido a partir do objetivo e das hipóteses do estudo, e tem um caráter transversal, sendo que os participantes são avaliados uma única vez num único momento. A participação foi solicitada através das redes sociais, onde foi colocado o link do protocolo de investigação composto por o consentimento informado (apêndice I), questionário sociodemográfico (apêndice II), questionário EMBU (anexo I) e questionário NEO-FFI (anexo II), sendo que o tempo de preenchimento dos mesmos era aproximadamente de 15 minutos.

A recolha de dados decorreu entre os meses de Fevereiro a Abril de 2015.

Capítulo V - Resultados

Capítulo V - Resultados

5.1 Análise Estatística

Para a realização das análises estatísticas desde trabalho, recorreu-se ao programa informático de análise estatística Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 2.0.

5.2 Análise das diferenças entre sexos

Foi realizado o teste t-student para perceber se existiam diferenças significativas entre sexos para as várias dimensões do NEO-FFI e do EMBU. Na **tabela 2** observamos que no NEO-FFI não existem diferenças estatisticamente significativas entre sexos, no entanto realçamos que as mulheres apresentam valores médios ligeiramente superiores nas dimensões Extroversão, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência, comparativamente aos homens que apresentam níveis médios ligeiramente superiores na dimensão Amabilidade. Na análise do EMBU observamos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre sexos, contudo é de realçar que os homens apresentam valores médios ligeiramente superiores nas dimensões Suporte Emocional – Pai, Suporte Emocional – mãe e Rejeição – pai em comparação com as mulheres que apresentam níveis médios ligeiramente superiores nas dimensões Rejeição – mãe, Sobreproteção – pai e Sobreproteção – mãe.

Tabela 2 Diferenças de sexos no NEOFII

	Masculino (n=36)		Feminino (n=84)			
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
NEOFII						
Extroversão	19,89	8,42	22,20	8,01	-1,429	,156
Amabilidade	30,81	5,92	29,63	5,22	1,085	,280
Conscienciosidade	27,75	5,87	29,13	4,57	-1,389	,168
Neuroticismo	32,61	5,01	34,46	5,60	-1,712	,089
Abertura à experiência	33,28	6,86	34,55	6,20	-,995	,322
EMBU-A						
Suporte Emocional – Pai	10,58	5,23	9,75	6,47	,682	,496
Suporte Emocional – mãe	12,03	5,37	11,35	6,04	,575	,566
Rejeição – pai	3,08	3,24	3,06	3,99	,032	,065
Rejeição – mãe	3,92	3,61	4,73	4,98	-,881	,380
Sobreproteção – pai	4,64	2,97	5,59	3,85	-1,314	,191
Sobreproteção – mãe	6,47	3,10	6,82	4,18	-,451	,653

5.3 Correlações entre as dimensões do NEO-FII e EMBU

A **tabela 3** apresenta o coeficiente de correlação de Pearson das dimensões da escala NEO-FFI e da escala EMBU. É de salientar as correlações existentes das dimensões da escala de personalidade com as dimensões da escala das práticas parentais.

Podemos observar que a dimensão Extroversão tem uma correlação negativa fraca com as dimensões Suporte Emocional-Pai e Suporte Emocional-Mãe, e uma correlação positiva fraca com a dimensão Sobreproteção-Mãe. Verificamos que a dimensão Amabilidade apresenta uma correlação negativa fraca com a dimensão Rejeição-Mãe, uma correlação positiva fraca com a dimensão Suporte Emocional-Pai, e uma correlação positiva moderada com a dimensão Suporte Emocional-Mãe. A dimensão Neuroticismo apresenta uma correlação negativa fraca com a dimensão Rejeição-Pai, e uma correlação positiva moderada com o Suporte Emocional-Pai e Suporte Emocional-Mãe. Observamos também que a dimensão Abertura à Experiência tem uma correlação positiva fraca com as dimensões Suporte Emocional-Pai, Suporte Emocional-Mãe e Sobreproteção-Pai.

Tabela 3 - Correlações entre as dimensões do NEO-FII e EMBU

	E	A	C	N	AE	SEP	SEM	RP	RM	SpP	SpM
E	---	-,355**	-,075	-,210*	-,350**	-,212*	-,244**	,153	,228*	,073	,202*
A		---	,012	,141	,343**	,296**	,371**	-,126	-,204*	,042	-,066
C			---	,229*	,018	,032	,095	,148	,097	,066	-,027
N				---	,249**	,342**	,319*	-,240**	-,173	,065	,064
AE					---	,244**	,212*	-,054	-,007	,205*	,051
SEP						---	,771**	-,382**	-,120	,174	,172
SEM							---	-,214*	-,297**	,180*	,141
RP								---	,484**	,520**	,298**
RM									---	,315**	,606**
SpP										---	,522**
SpM											---

Legenda: Extroversão (E), Amabilidade (A), Conscienciosidade (C), Neuroticismo (N), Abertura à Experiência (AE), Suporte Emocional Pai (SEP), Suporte Emocional Mãe (SEM), Rejeição Pai (RP), Rejeição Mãe (RM), Sobreproteção Pai (SpP), Sobreproteção Mãe (SpM)

5.4 Correlações entre as dimensões do NEO-FII e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais, Idade e Habilitações Literárias

A **tabela 4** apresenta o coeficiente de correlação de Spearman das dimensões do NEO-FFI com o Nível Socioeconómico na Infância, a Relação Atual com os Pais, a Idade e o Bem-Estar Atual. É de salientar as correlações existentes das dimensões da escala de personalidade com as restantes variáveis, e entre as variáveis.

Na tabela 4 observamos que a dimensão Extroversão apresenta uma correlação negativa fraca com Bem-Estar Atual. A dimensão Amabilidade apresenta uma correlação positiva fraca com as variáveis Nível Socioeconómico na Infância, Relação Atual com os Pais e Bem-Estar Atual. A dimensão Neuroticismo tem uma correlação positiva fraca com Relação Atual com os Pais. Verificou-se ainda que a variável Relação Atual com os Pais tem uma correlação positiva moderada com a variável Bem-Estar Atual. Os valores das correlações encontram-se na **tabela 4**.

Tabela 4 - Correlações entre as dimensões do NEO-FII e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais e Bem-Estar Atual

	E	A	C	N	AE	NSEI	RAP	Idade	BEA
E	---	---	---	---	---	-,123	-,040	-,100	-,282**
A		---	---	---	---	,243**	,201*	-,168	,235**
C			---	---	---	,110	,008	,055	,072
N				---	---	,173	,260**	,035	,116
AE					---	,116	,043	,118	,142
NSEI						---	-,015	-,094	,068
RAP							---	-,285**	,437**
Idade								---	-,060
BEA									---

Legenda: Extroversão (E), Amabilidade (A), Conscienciosidade (C), Neuroticismo (N), Abertura à Experiência (AE), Nível Socioeconómico na Infância (NSEI), Relação Atual com Pais (RAP), Bem-Estar Atual (BEA)

5.5 Correlações entre as dimensões do EMBU e Nível Socioeconómico na infância, Relação atual com os pais, Idade e Bem-Estar Atual.

A **tabela 5** apresenta o coeficiente de correlação de Spearman entre as variáveis do EMBU, o Nível Socioeconómico na Infância, a Relação Atual com os Pais, a Idade e o Bem-Estar Atual. É de salientar as correlações existentes das dimensões da escala das práticas parentais com as restantes variáveis, e entre as variáveis.

Podemos verificar que a dimensão Suporte Emocional Pai tem uma correlação positiva moderada com as variáveis Nível Socioeconómico e Relação Atual com Pais. Observamos uma correlação positiva fraca entre a dimensão Suporte Emocional Mãe com a variável Nível Socioeconómico na Infância, e uma correlação positiva moderada com a variável Relação Atual com Pais. Observamos que a dimensão Rejeição-Pai apresenta uma correlação negativa moderada com a variável Relação Atual com Pais. Observamos que a dimensão Rejeição-Mãe apresenta uma correlação negativa moderada com a variável Relação Atual com Pais. Verificamos ainda uma correlação positiva moderada entre as variáveis Relação Atual Pais e Bem-Estar Atual. Os valores das correlações encontram-se na **tabela 5**.

Tabela 5 - Correlações entre as dimensões do EMBU e Nível Socioeconómico na infância, Relação Atual com os Pais, Idade e Bem-Estar Atual

	SEP	SEM	RP	RM	SpP	SpM	NSEI	RAP	BEA
SEP	---	,771**	-,382**	-,120	,174	,172	,315**	,380**	,163
SEM		---	-,214*	-,297**	,180*	,141	,207*	,396**	,148
RP			---	,484**	,520**	,298**	-,016	-,430**	-,158
RM				---	,315**	,606**	,001	-,368**	-,162
SpP					---	,522**	,136	-,052	-,068
SpM						---	,044	-,068	-,143
NSEI							---	-,015	,068
RAP								---	,437**
Idade									-,060
BEA									---

Legenda: Suporte Emocional Pai (SEP), Suporte Emocional Mãe (SEM), Rejeição Pai (RP), Rejeição Mãe (RM), Sobreproteção Pai (SpP), Sobreproteção Mãe (SpM), Nível Socioeconómico na Infância (NSEI), Relação Atual com Pais (RAP), Bem-Estar Atual (BEA)

5.6 Características Psicométricas da Amostra em Estudo das escalas do EMBU-Memórias de Infância

Foram testadas em termos de consistência interna através do alpha de Cronbach as características psicométricas da escala na amostra que se encontra em estudo. Para a amostra (N=120) as dimensões da escala dos estilos parentais apresentaram valores de *alpha de Cronbach* elevados ($\alpha=,930$) a satisfatórios ($\alpha=,721$), o qual pode ser observado na **tabela 6**

Tabela 6 - Resultados da análise da consistência interna das escalas do EMBU-Memórias de Infância (EMBU-MI) (N=120)

Dimensões do EMBU-MI	Nº de Itens	α Presente Estudo
Suporte Emocional_Pai	7	,930
Suporte Emocional_Mãe	7	,926
Rejeição_Pai	8	,836
Rejeição_Mãe	9	,864
Sobreproteção_Pai	7	,729
Sobreproteção_Mãe	7	,721

5.7 Características Psicométricas da Amostra em Estudo das escalas do NEO-FFI

Foram testadas em termos de consistência interna através do alpha de Cronbach as características psicométricas da escala na amostra que se encontra em estudo. Para a amostra (N=120) as dimensões da escala dos estilos parentais apresentaram valores de *alpha de Cronbach* elevados ($\alpha=,864$) a satisfatórios ($\alpha=,634$), o qual pode ser observado na **tabela 7**.

Tabela 7 - Resultados da análise da consistência interna das escalas do NEO-FFI (N=120)

Dimensões do NEO-FFI	Nº de Itens	α Presente
		Estudo
Neuroticismo	12	,864
Extroversão	12	,703
Abertura à Experiência	12	,634
Amabilidade	12	,725
Conscienciosidade	12	,831

Capítulo IV - Discussão

Capítulo IV - Discussão

4.1 Discussão

Após a análise teórica, é possível afirmar que as práticas educativas parentais não são unicamente responsáveis pela personalidade no adulto. A personalidade tem influências externas como a relação com o ambiente e com os pares, bem como a influência genética que podem em conjunto com a educação explicar o desenvolvimento da personalidade (Rosenthal e Rubin, 1982).

As práticas parentais podem ter uma influência direta na personalidade, mas essas práticas são resultado de diferentes variáveis como o nível socioeconómico, sendo que um baixo nível pode ser causador de stress o que modifica a dinâmica familiar e consequentemente a forma como pais e filhos se relacionam. Podem também influenciar as oportunidades e acesso a meios e experiências que possibilitam a estimulação cognitiva das crianças, sendo responsáveis pela escolaridade ou interesse escolar, o que de forma indireta vai influenciar a personalidade futura da criança, nomeadamente ao nível da conscienciosidade (Davies-Kean, 1999). Das diferentes dimensões da escala EMBU sobre práticas educativas parentais, foi dado maior foco à dimensão o suporte emocional neste trabalho, sendo considerada uma abordagem positiva na relação pais/filhos. Devido à aceitação da criança e ao diálogo e suporte que lhe é proporcionado, as crianças revelam valores positivos nas dimensões amabilidade e abertura à experiência, estando abertos a novas experiências e a formarem relações sociais positivas.

A primeira análise realizada foi uma análise comparativa entre sexos e as diferentes dimensões para verificar se havia diferenças entre homens e mulheres na amostra em estudo. Na análise da comparação entre géneros concluiu-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres para as diferentes dimensões do questionário de Personalidade, bem como do questionário de Práticas Parentais, o que significa que existe coerência na percepção que os indivíduos têm das práticas apresentadas pelo pai e pela mãe, e que esses mesmos indivíduos não apresentam diferenças nas diferentes dimensões da personalidade. Não havendo diferenças estatisticamente significativas, ambos os sexos masculino e feminino da amostra foram avaliados em conjunto nas análises seguintes centrais ao estudo, não tendo sido colocada a totalidade da tabela em questão neste trabalho,

mas apenas uma parte referente às diferenças de sexos para as diferentes dimensões do NEO-FFI.

A hipótese 1 diz-nos que é esperado que exista correlação positiva entre a dimensão suporte emocional e a dimensão abertura à experiência e amabilidade.

A abertura à experiência refere-se a indivíduos imaginativos, conscientes dos seus sentimentos, inovadores e curiosos. A aceitação e aprovação dos pais em relação aos filhos com estas características fazem com que exista um fortalecimento destes traços. É devido ao encorajamento e aprovação dos interesses da criança, que permite a esta explorar o mundo à sua volta. O suporte emocional refere-se à qualidade da relação pais/filhos, caracterizada por comportamentos de afeto, amor, carinho que os pais exercem sobre os filhos (Arrindell e Van der Ende, 1984). Todas estas características nas práticas educativas parentais são positivas no desenvolvimento futuro da personalidade da criança, estando associadas a traços da dimensão da amabilidade que caracteriza indivíduos altruístas e cooperativos, o que permite afirmar que quanto maior é o suporte emocional percebido pelos indivíduos da amostra, maiores os valores de amabilidade e abertura à experiência (McCrae e Costa, 2003). Os resultados do estudo nesta amostra vão de encontro à literatura, nomeadamente aos estudos de McCrae e Costa (1998) sobre a percepção das práticas parentais e personalidade no adulto, sendo que os resultados nesse estudo referem que quanto maior o suporte emocional percebido pelos indivíduos em relação à sua infância e adolescência, maior o interesse por experiências e maior a amabilidade. Estes autores referem que as características associadas à amabilidade demonstram uma confiança básica que é resultado de uma relação parental baseada no amor e confiança.

A definição de suporte emocional permite analisar a relação com a rejeição. Estas duas dimensões são segundo a literatura antagónicas, sendo que o suporte emocional se baseia na aceitação dos filhos enquanto ser único e individual, e a rejeição pretende mudar os comportamentos e ação dos filhos de acordo com os valores e ideais dos pais (Darling & Steinberg, 1993). Estas premissas confirmam os resultados da amostra em estudo que apresentam uma relação negativa entre o suporte emocional do pai com a rejeição do pai, significando que quanto maior for o suporte emocional por parte do pai, menor os níveis de rejeição por parte do mesmo.

A correlação deste estudo que apresentou valores mais elevados foi entre o suporte emocional do pai com o suporte emocional da mãe, o que significa que quando um dos progenitores exerce uma prática educativa com base no suporte e afeto, o outro progenitor

acompanha essa prática. Estudos falam de uma aproximação de papéis parentais e de cooperação na educação dos filhos (Brannen, 2003). Não é portanto considerado um resultado incomum o fato de as práticas parentais do homem no seio familiar estarem em concordância com as práticas da mãe.

A hipótese 2 diz-nos que é esperado que exista correlação positiva entre a relação que os indivíduos mantêm atualmente com os pais e o Suporte Emocional por parte do pai e da mãe na infância.

Esta hipótese foi confirmada, sendo que os resultados indicam que quanto maior o suporte emocional recebido pelo pai e pela mãe na infância e adolescência, maior a relação atual com os pais. Estes resultados vão de encontro aos estudos de Harvey (2000) sobre relações e funcionamento familiar, que sugere que um suporte emocional positivo leva à adoção de valores culturais familiares, isto é, os valores adotados pelos pais serão semelhantes aos adotados pelos filhos, o que significa que o suporte emocional positivo leva à consolidação da relação familiar. Kobak (1993) considera que um suporte emocional seguro leva ao estabelecimento de relações mais estáveis. Sendo a relação atual com os pais considerada por 80% dos participantes boa e muito boa, haverá a hipótese de essa relação influenciar a percepção que têm das práticas exercidas pelos pais na infância e adolescência. Esta questão levanta-se porque, segundo Ross and Conway (1986) a tendência retrospectiva das memórias têm como base as teorias da natureza humana, sendo que um adulto bem realizado pode assumir que teve pais amáveis, considerando este amor parental como um requisito para a boa realização futura.

Estudos de Hetherington e Stanley-Hagan (1999) referem que o bem-estar das crianças está associado à relação com os pais. Este estudo refere-se à relação dos pais com os filhos adolescentes e este estudo refere-se à relação atual do indivíduo enquanto adulto com os pais, não podendo por isso confirmar os resultados deste estudo que quanto maior o bem-estar atual, melhor a relação atual com os pais. No entanto uma questão que se poderá levantar em futuros estudos é: se o bem-estar do indivíduo enquanto adolescente facilita a relação com os pais, poderá o bem-estar desse mesmo indivíduo enquanto adulto facilitar a relação atual com os pais

A hipótese 3 diz-nos que é esperado que na infância exista correlação positiva entre o nível socioeconómico e o Suporte Emocional por parte do pai e da mãe.

A qualidade do ambiente familiar deriva de diversos fatores. Um nível socioeconómico baixo pode ter efeitos adversos no sistema familiar (Bornstein, 2006), tendo

essas famílias menor quantidade e qualidade de recursos disponíveis o que pode afetar a dinâmica familiar. Esta falta de recursos pode causar stress nos membros familiares e consequentemente pode levar os pais a comportamentos mais hostis em relação aos filhos (Repetti et al., 2002; Hearn, 2011). Os resultados desta hipótese são concordantes com os estudos de Bradley e Corwyn de 2002 sobre o estatuto socioeconómico e desenvolvimento infantil. Nesse estudo os autores referem que esta ligação é explicada pela relação entre níveis socioeconómicos e os estilos de interação dos pais com os filhos. Pais que apresentem níveis socioeconómicos elevados geralmente mantêm maior conversação com os filhos, estando associado a um suporte emocional positivo. Um baixo nível socioeconómico leva a estados emocionais negativos que influenciam negativamente a relação pais/filhos levando a relações mais negligentes.

À parte das hipóteses levantadas verificou-se ainda que as mulheres apresentam valores mais elevados de neuroticismo, amabilidade e conscienciosidade.

No estudo realizado, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, as mulheres apresentam valores mais elevados de neuroticismo estando em concordância com os estudos de McCrae e Costa (2001). Este mesmo estudo também refere que as mulheres apresentam médias superiores quando comparadas com os homens na dimensão conscienciosidade, o que comprova os resultados deste estudo. Estes resultados podem ser explicados por fatores biológicos como a seleção natural, que a psicologia evolutiva explica através das diferenças de papéis adaptativos das mulheres ao longo da história como a gravidez, parto e aleitamento, e por fatores sociopsicológicos, podendo a diferença dos papéis sociais explicar estas variações de géneros se considerarmos a expectativa da sociedade em relação aos homens e às mulheres. Os estudos de Pedroso-Lima e colaboradores (2014) justificam estes resultados atribuindo às mulheres maior sensatez, responsabilidade e longevidade. Relativamente à amabilidade, os resultados do presente estudo não estão em concordância com os estudos de McCrae e Costa, visto os homens apresentarem médias ligeiramente mais elevadas do que as mulheres nesta dimensão.

Como referido, este trabalho teve como base o estudo das práticas educativas parentais, sendo a prova EMBU utilizada para avaliar as diferentes dimensões que se referem à perceção do suporte emocional, rejeição e sobreproteção por parte do pai e da mãe separadamente. O suporte emocional está ligado ao afeto e foi a dimensão presente na maioria dos artigos científicos analisados como suporte a este estudo. Por esse motivo, foi considerado pertinente basear parte deste trabalho nesta dimensão. Assim sendo pretendeu-se

verificar a relação entre o suporte emocional por parte do pai e por parte da mãe com diversas variáveis.

Como resultado secundário verificou-se ainda que um nível socioeconómico alto afete ou tenha efeito nas habilitações literárias.

Vários estudos de diversos investigadores ao longo de 50 anos indicam que um nível socioeconómico baixo na infância tem menor acesso a estimulação cognitiva, bem como materiais e experiências, o que não só limita o crescimento cognitivo como reduz as oportunidades de tirar um benefício positivo da escola (Bloom, 1964; Hunt, 1961). Informações do National Longitudinal Survey of Youth e do National Household Education Survey (Bradley et al, 2001; Corwyn & Bradley, 2000) revelam que crianças com um nível socioeconómico mais desfavorecido têm menor acesso a uma variedade de materiais recreativos e de aprendizagem. O acesso a esse material e o acesso a recursos culturais favorecem uma relação positiva entre o nível socioeconómico e o sucesso académico e intelectual (Bradley & Corwyn, 2001). Estas experiências providenciam oportunidades de aprendizagem diretas e indiretas, e servem de base motivacional para o seguimento da aprendizagem. O Ser Humano é um organismo auto construtivo estimulado por diversas experiências. Materiais e experiências potencialmente estimulantes aumentam os mecanismos cognitivos (Saegert&Winkel, 1990). De uma forma indireta e na minha opinião, considerando toda a informação recolhida ao longo deste processo é possível assumir a relação positiva entre o suporte emocional da parte do pai e da mãe com as habilitações literárias, o que vai de acordo com os resultados deste estudo nesta amostra específica. A amostra em estudo demonstra que 41% dos inquiridos refere ter um nível socioeconómico na infância que consideram médio-alto e alto, bem como 63,3% refere ter níveis de escolaridade considerados elevados de licenciatura, mestrado e doutoramento.

Um alto nível de escolaridade, permite ao indivíduo uma visão mais clara e global do mundo. É responsável por um olhar mais crítico e pontos de vista mais vinculados o que influencia o desenvolvimento de traços de personalidade, pelo que se conclui que existe uma relação positiva entre as habilitações literárias e a conscienciosidade.

Este estudo revelou que quanto maior o grau das habilitações literárias, maior o nível de conscienciosidade. Estes achados são compatíveis com o artigo de Pedroso-Lima de 2014 sobre a caracterização em função da idade, género e escolaridade na versão portuguesa do NEO-FFI, que revelam que graus de escolaridade ao nível do ensino secundário ou superior apresentam pontuações de conscienciosidade superiores. Esta autora justifica este resultado

com a sua amostra, sendo que a considera mais escolarizada que a população portuguesa em geral. O mesmo acontece na amostra neste estudo, o que pode justificar os resultados.

O estudo de diferenças geracionais na personalidade do adulto confirma que houve mudanças fundamentais nas práticas parentais, sendo que apesar dessas mudanças, os adultos mostram a mesma distribuição de traços de personalidade independentemente da época em que nasceram, o que confirma não haver diferenças estatisticamente significativas nos grupos de idades em função da personalidade (Costa & McCrae, 1986), resultado que confirma os achados deste estudo sendo que não demonstrou diferenças estatisticamente significativas entre a idade e as dimensões da personalidade.

4.2 Conclusão

Com este trabalho pretendeu-se verificar a relação entre as práticas educativas parentais e a personalidade, para tentar compreender se a forma como fomos educados tem influência na personalidade enquanto adultos. Sendo esta hipótese muito geral, e após uma extensa revisão bibliográfica, levantaram-se hipóteses mais específicas sobre o tema em estudo.

Este estudo teve como base uma avaliação retrospectiva de uma amostra de adultos sobre a perceção das práticas educativas dos pais durante o período da infância e adolescência. Os estudos retrospectivos são de uma avaliação complicada visto estarem toldados pelo estado atual do adulto. No momento da avaliação é importante considerar diversas variáveis que podem enviesar as respostas dos participantes. As características do adulto podem ter influência nessas respostas, sendo que um adulto bem-sucedido pode relembrar essas práticas parentais como mais positivas. O inverso também pode acontecer, podendo um adulto insatisfeito com a sua vida culpabilizar os pais pelo seu estado atual. Nesta amostra, 80% dos respondentes apresenta um bem-estar atual muito bom, o que numa análise dos resultados levanta a questão de se objetivamente houve um suporte emocional positivo por parte dos pais, ou se há um viés retrospectivo. No entanto, não havia outra forma de fazer este estudo senão pedindo aos examinados que fizessem uma “viagem ao passado” tentando responder de forma mais consciente possível. Mas os estudos retrospectivos não são de todo negativos. Como explicado, possibilitam estudos como este que de outra forma não seriam possíveis, sendo que os estudos longitudinais implicam tempo e outros recursos. Também de acordo com Ross e Conway (1986) estes estudos são válidos, visto terem sido

demonstradas correspondências entre autorrelatos relacionados com experiências ocorridas durante a adolescência e avaliações independentes recolhidas na altura.

Existem outras variáveis que podem influenciar a personalidade na idade adulta, nomeadamente acontecimentos de vida maior que possam ter ocorrido ao longo do percurso temporal entre a infância e a idade adulta.

Para estudos futuros sugiro uma amostra mais diversificada, sendo esta amostra considerada bastante homogénea, sendo que 70% da amostra é do sexo feminino, mais de 75% encontra-se atualmente a trabalhar, mais de 40% considera que teve um nível socioeconómico médio-alto e alto na infância o que segundo a literatura pode facilitar a relação familiar, 80% refere a relação atual com os pais como boa e muito boa o que pode, tal como referido anteriormente, enviesar a percepção, e mais de 80% considera o seu bem-estar atual como bom e muito bom o que também pode enviesar a percepção que os participantes têm das práticas educacionais utilizadas pelos seus pais. Para um estudo mais completo o ideal seria observar o comportamento dos pais e da criança e posteriormente avaliar a personalidade da criança enquanto adulto. No entanto para eliminar uma limitação estar-se-iam a criar outras, já tendo sido referido que estudos longitudinais são caros e consomem muito tempo. No entanto acredita-se que este estudo deu um contributo importante para a área da relação entre parentalidade e personalidade.

Capítulo VII – Referências Bibliográficas

Capítulo VII – Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Revista Psicologia Educação Cultura*, 15(1), 15-43.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ªed.) Coimbra: Quarteto Editora.
- Alchieri, J.C. (2005) Adaptação do Millon Index of Personality Styles (MIPS) para o Brasil.
- Allemand, M., Zimprich, D., & Hendriks, A. (2008) Age differences in five Personality Domains across the life span. *Developmental Psychology*, 44(3), 758-770
- Allport, G. W., & Odbert, H. S. (1936). Trait-names, a psycho-lexical study. *Psychological Monographs*, 47 (1), 1-171.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In: H. J. Guilhardi (Org.). *Sobre comportamento e cognição*, (Vol 8, pp. 54-60). Porto Alegre: ESETec Editores Associados.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255-267.
- Armentrout JA, Burger GK. Children's reports of parental child-rearing behavior at five grade levels. *Developmental Psychology*. 1972;7:44-48.
- Ballash, N., Leyfer, O., Buckley, A. F. & Wooddruff-Borden, J. (2006). Parental control in the etiology of anxiety. *Clinical Child Psychological Review*, 9(2): 113-33.
- Barber, B.K. (2006). Reintroducing parental psychological control. In B.K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington: American Psychological Association.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behaviour, *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.

- Baumrind, D., Larzelere, R. & Owens, E. (2010). Effects of preschool parents' power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting: Science and Practice*, 10(3), 157-201. doi: 10.1080/15295190903290790
- Belsky, J. (2005). Social-contextual determinants of parenting. Institute for the study of children. Families and Social Issues. Encyclopedia on Early Childhood Development. Birkbeck University of London: Montreal, Quebec, 1-6.
- Benet-Martínez, V. & Oliver, J. P. (1998). Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: trait multimethod analyses of the big five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(3), 729-750.
- Bloom, B. (1964). *Stability and Change in Human Characteristics*. New York:: Wiley.
- Blustein, D. L., Walbridge, M. M., Friedlander, M. L., Paladino, D. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Psychology*, 38, 39-50.
- Botwin, M. & Buss, D. (1989). Structure of act-report data: is the five-factor model of personality recaptured?. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(6), 988-1001.
- Bouchard, T. J. & Loehlin, J. C. (2001). Genes, evolution, and personality. *Behavior Genetics*, 31(3), 243-273.
- Boyce, C. J., Wood, A. M & Pwdthavee, N. (2013). Is personality fixed? Personality changes as much as variable economic factors and more strongly predicts to life satisfaction. *Social Indicators Research*, 111, 287-305. doi: 10.1007/s11205-012-0006-z.
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F. (2001). Age and ethnic variations in family process mediators of SES. Presented at Conf. Socioeconomic Status, Parenting, Child Dev., Minneapolis, MN
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic Status and Child Development. *Annu. Rev. Psychol.* 53: 371-99
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F., Caldwell B. M., Whiteside-Mansell, L., Wasserman, G. A., et al. (2000). Measuring the home environments of children in early adolescence. *J. Res. Adolesc.* 10:247-89

- Brannen, J. (2003). Changing Families and generational patterns: a comparative assessment of fatherhood. Em *Family Forms and the Young Generation in Europe. Report on the Annual Seminar 2001 (Milan, 20-22-September)*, Editado por L. Chisholm *et al.*, 23-26. Vienna: European Observatory on the Social Situation, Demography and family.
- Brown, A.M. & Whiteside, S.P. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors, attachment style, and worry in anxious children. *Journal Anxiety Disorders*, 22(2): 263-272.
- Campos, D. & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) Revisitado. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, (1641-1654)
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M., C., Pereira, M., Simões, M., Pintassilgo, A., Pinto Ferreira, A., & Pinto Ferreira, A. (2008). Estudos psicométricos da versão portuguesa (de Portugal) do instrument de avaliação da qualidade de vida na infeção VHI da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-HIV). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 9(8), 15-28
- Cardoso, J., Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, vol.31, no.4. Lisboa
- Ceballos, E., & Rodrigo, M.J. (2008). Las metas y estrategias de socialización entre padres e hijos .In M.J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 225-243). Madrid: Alianza Editorial.
- Cecconello, A., Antoni, C. & Koller, S. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Chen X, Liu M, Li D. Parental warmth, control, and indulgence and their relations to adjustment in Chinese children: A longitudinal study. *Journal of Family Psychology*. 2000;14:401–419.
- Chung J, Zappulla C, Kaspar V. Parental warmth and socio-emotional adjustment in Brazilian, Canadian, Chinese, and Italian children: A cross-cultural perspective. In: Ramirez RN, editor. *Family relations, issues, and challenges*. New York: Nova Science Publishers, Inc; 2008. pp. 21–41.

- Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J. & Col. (2004). Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1987). On the need for longitudinal evidence and multiple measures in behavioral-genetic studies of adult personality. *Behavioral and Brain Science*, 10, 22-23.
- Costa, P. T. Jr., McCrae, R. R., Zonderman, A. B., Barbano, H. E., Lebowitz, B., & Larson, D. M. (1986). Cross-sectional studies of personality in a national sample: Stability in neuroticism, extraversion, and openness. *Psychology and Aging*, 1(2), 144-149
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1989). Personality Continuity and the Changes of Adult Life. In Storandt, M. & VandenBos, G. (Eds.), *The adult years: Continuity and change* (pp. 41-77). Washington, DC US: American Psychological Association.
- Costa, P. T. Jr., Terracciano, A., & McCrae, R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 322–331. doi: 10.1037/0022-3514.81.2.322
- Costa, P. T. & Widiger, T. A. (Eds) (2002). *Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd Ed). Washington DC: American Psychological Association.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança Segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cruz, O. Lima, I. (2012). Qualidade do ambiente familiar – preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista Amazônica*, 8(1), 246-265.
- Cummings, E. M., Davies, P. T. & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research and clinical implications*. New York: Guilford.
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. ERIC Clearinghouse on Elementary and Early Childhood Education. University of Illinois.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

- Davies-Kean, P. (1999). The effect of Socio-Economic Characteristics on Parenting and Child Outcomes. *Society for Research in Child Development*, Albuquerque, New Mexico.
- De Marque, C.R. (2006). Construção de identidade e formação de vínculos, no processo psico-terapêutico de uma criança, em diferentes contextos familiares. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. & Scollon, C. N. (2002). Our desired future for personality psychology. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 629-637.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F. & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of adolescent parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58, 1244-1257.
- Dwairy, M. (2010) Parental acceptance-rejection: A fourth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies*, 19:30–35.
- Eccles, J. S. (1993). School and family effects on the ontogeny of children's interests, self-perceptions, and activity choice. In J. Jacobs (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation*, 1992: Developmental perspectives on motivation (pp. 145-208): Lincoln, NB: University of Nebraska Press.
- Emmelkamp, P. M. G. (2006). The effects of perceived parental rearing style on development of type A pattern. *European Journal of Personality*, 1, 233-230.
- Eysenck, H. J. (1960). *The structure of human personality* (2nd Ed). New York: John Wiley&Sons.
- Eysenck, H. J. (1991). Dimensions of personality: 16, 5 or 3? Criteria for a taxonomic paradigm. *Personality and individual Differences*, 12(8), 773-190.
- Eysenck, H. J. (1992). Four ways five factors are not basic. *Personality and individual Differences*, 13(6), 667-673.
- Eysenck, H. J. (2006). *The biological basis of personality*. New Jersey: Transaction Publishers (Reprinted from *The Biological Basis of Personality*, by H. J. Eysenck, 1967, Springfield III: C. C. Thomas).

- Farmer, H. S. (1980). Environmental background and psychological variables related to optimizing achievement and career motivation for high-school girls. *Journal of Vocational Behaviour*, 17, 58-70.
- Farmer, H. S. (1985). Modelo of career and achievement motivation for women and men. *Journal of Counseling Psychology*, 32, 363-390.
- Favaro, C. (2007). Mulher e família: Um binómio (quase) inseparável. In M. N. Strey, J.A.S. Neto, R.L. Horta (Org). *Família e género* (pp. 39-56). Porto Alegre: EDIPUCRS
- Fitzgerald, L., F., Betz, N., E. (1983) Issues in the vocational psychology of women. In W. B. Walsh & S. H. Osipow (Eds.), *Handbook of vocational psychology*, Vol. I. Hillsdale. NJ: LEA
- Flandrin, J. (1992). *Família: Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Estampa
- Forehand R, Nousiainen S. Maternal and paternal parenting: Critical dimensions in adolescent functioning. *Journal of Family Psychology*. 1993;7:213–221.
- Gamble WC, Ramakumar S, Diaz A. Maternal and paternal similarities and differences in parenting: An examination of Mexican-American parents of young children. *Early Childhood Research Quarterly*. 2007;22:72–88.
- Gerlsma C, Emmelkamp PMG. How large are gender differences in perceived parental rearing styles?: A meta-analytic review. In: Pereis C, Arrindell WA, Eisemann M, editors. *Parenting and psychopathology*. New York: Wiley; 1994. pp. 55–74.
- Gladstone, G.L., & Parker, G.B. (2005). The role of parenting in the development of psychopathology: An overview of research using the parental bonding instrument. In J.H. Hudson & R.M. Rapee (Eds.), *Psychopathology and the family* (pp. 21-33). Sydney: Elsevier.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative “Description of Personality”: the big five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216-1229.
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the big five-factor structure. *Psychological Assessment*, 4(1), 26-42.
- Goldberg, L. R., Johnson, J. A., Eber, H. W., Hogan, R., Ashton, M. C., Cloninger, C. R., Gough, H. G. (2006). The international personality item pool and the future of public-

- domain personality measures. *Journal of Research in Personality*, 40, 84-96. doi: 10.1016/j.jrp.2005.08.007
- Grolnick, W.S., & Gurland, S.T. (2002). Mothering: Retrospect and prospect. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp. 5-33). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grotevant, H., Cooper, C. (1985). Patterns interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-418.
- Grotevant, H., Cooper, C. (1986). Individuality in family relationship. *Human Development*, 28, 82-100.
- Grusec, J.E., & Ungerer, J. (2003). Effective socialization as problem solving and the role of parenting cognitions. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp.211-228). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Grych, J.H. (2002). Marital relations and parenting. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 4: Social conditions and applied parenting* (2nd ed., pp. 203-225). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hall, C.S., Lindzey, G. & Campbell (2000). *Teorias da Personalidade*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da personalidade* (1ª Ed). Lisboa. Climepsi Editores
- Harvey, M. (2000). Relationships between adolescents attachment styles and family functioning. *Adolescence*.
- Hernández, M.D.G., Rodriguez, G.R., & Zamora, A.L. (2008). La construcción de valores en la familia. In M.J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 201-221). Madrid: Alianza Editorial.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: a risk and a resiliency perspective. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40(1), 129-140. doi: 10.1111/1469-7610.00427.
- Hewitt, J. K. (1984). Normal componentes of personality variation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 671-675

- Herbert, M. (2004). Parenting across the lifespan. In M. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 55-71). London: Sage Publications.
- Hoffman, L. H. (1979) Maternal Employment. *American Psychologist*, 34, 859-865.
- Hoghughi, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage Publications.
- Hopwood, C. J., Donnellan, M. B., Blonigen, D. M., Krueger, R. F., McGue, M., Iacono, W.G. & Burt, S. A. (2011). Genetic and environmental influences on personality trait stability and growth during the transition to adulthood: a three-wave longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 545-556. doi: 10.1037/a0022409
- Hunt, J. M. (1961). *Intelligence and Experience*. New York: Ronald.
- Imaginário, L. (1990) Desenvolvimento Vocacional. In B. Campos (Ed.) *Psicologia do desenvolvimento e educação dos jovens*, Vol. II. Porto: Ed. Universidade Aberta (cap. 10)
- Jang, K. L., Livesley, J. W., Angleitner, A., Riemann, R. & Vernon, P. A. (2002). Genetic and environmental influences on the covariance of facets defining the domains of the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 33(5), 83-101.
- Jang, K. L., McCrae, R. R., Angleitner, A., Riemann, R. & Livesley, W. J. (1998). Heritability of facet-level traits in a cross-cultural twin sample: support for a hierarchical model of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1556-1565.
- John, O. P., Angleitner, A. & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: a historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2(3), 171-203.
- John, O. P., Naumann, L. P. & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative big-five trait taxonomy: history, measurement, and conceptual issues. In O. P. John, R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds), *Handbook of personality: theory and research* (3rd Ed) (pp. 114-158). New York: Guilford Press.

- Kobak, R. R. (1993). Attachment and the problem of coherence: Implications for treating disturbed adolescents. *Adolescent Psychiatry*, vol. 19, pp. 137-149.
- Kockanska, G., & Aksan, N. (2006). Children's conscience and self-regulation. *Journal of Personality*, 74, 1587-1617.
- Kohlberg, L., Ricks, D. & Snarey, J. (1984) Childhood development as a predictor of adaptation in adulthood. *Genetic Psychology Monographs*, 110, 91-172
- Kuppens, S., Grietens, H., Onghena, P., & Michiels, D. (2009). Measuring parenting dimensions in middle childhood: multitrait-multimethod analysis of child, mother, and father ratings. *European Journal of Psychological Assessment*, 25(3), 1-8.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco fatores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 171-179.
- Lima, Â., da Silva, H., & Galhardoni, R. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: Trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface -comunicação, Saúde, Educação*, 12(27), 795-807.
- Locke, L. M. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychological Review*, 22(6): 895-929.
- Lundberg, M., Perris, C., Adolfsson, R. (2000). Family Environment and Personality: Perceived Parenting and the Role of Personality. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 267-274.
- Lung, F. W., Huang, Y. L., Shu, B. C., Lee, F. Y. (2004). Parental rearing style, Premorbid personality, mental health, and quality of life in chronic regional pain: A casual analysis. *Comprehensive Psychiatry*, 45, 206-212.
- Luz, A. M. H., Berni, N. I. O. (2010). Processo da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(1), 43-50
- Masten, A. S., & Coatsworth, J. D. (1998). The development of competence in favorable and unfavorable environments: Lessons from Research on successful children. *American Psychologist*, 53(2), 205-220.

- McCoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the contexto of the family: Parent-child interaction. In P. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality and social development* (4th ed., pp 1-101). New York: John Wiley.
- McCrae, R. (1993). Moderated analyses of longitudinal personality stability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(3), 577-585.
- McCrae, R. (2010). The place of the FFM in personality psychology. *Psychological Inquiry*, 21, 57-64. doi: 10.1080/10478401003648773
- McCrae, R., Costa, P. T. (1988). Recalled Parent-Child Relations and Adult Personality, *Journal of Personality*, 56(2)
- McCrae, R., Costa, P. T. (1994). The paradox of parental influence: understanding retrospective studies of parent-child relations and adult personality. In *Parenting and Psychopathology*, Perris, C., Arrindell, W. A., Eisemann, M. (eds.). Wiley: Chichester, 107-125.
- McCrae, R., Costa, P. T. (1995). Trait explanations in personality psychology. *European Journal of Personality*, 9(4), 231-252.
- McCrae, R., Costa, P. T. (1997). Personality traits structure as a human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509-516.
- McCrae, R., Costa, P. T. (2006). *Personality in adulthood: a five factor theory perspective* (2nd Ed) New York: The Guilford Press.
- McCrae, R., Costa, P. T. (2007). Brief versions of the NEO-PI-3. *Journal of individual differences*, 28, 116-128. doi: 10.1027/1614-0001.28.3.116.
- McCrae, R., Costa, P. T., Lima, M. P., Simões, A., Ostendorf, F., Angleitner, A., Piedmont, R. L. (1999). Age differences in personality across the adult life span: parallels in five cultures. *Developmental Psychology*, 35(2), 466-477.
- McCrae, R., Costa, P. T. Jr. (2003). A contemplated revision of the NEO Five-Factor Inventory. Department of Health and Human Services, National Institute of Aging, NIH, Baltimore, Maryland, USA.
- McCrae, R. & John, O. P. (1991). An introduction to the Five-Factor Model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215.

- McCrae, R., Terracciano, A., Khoury, B., Nansubuga, F., Knezevic, G., Jovic, D. D., Camarat, N. (2005a). Universal features of personality traits from the observer's perspective: data from 50 cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 547-561. doi: 10.1037/0022-351.88.3.547
- McCrae, R., Terracciano, A., Leibold, N. B., Schmidt, V., Finch, J., Neubauer, A., Jovic, D. D. (2005b). Personality profiles of cultures: aggregate personality traits. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(3), 402-425.
- McCrae, R. R., Yik, M. S., Trapnell, P. D., Bond, M. H. & Pulhus, D. L. (1998). Interpreting personality profiles across cultures: bilingual, acculturation, and peer rating studies of Chinese undergraduates. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 1041-1065.
- McDougall, W. (1932). The words of character and personality. *Journal of Personality*, 1(1), 3-16
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic Disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53(2), 185-204.
- McLoyd, V. C., & Wilson, L. (1991). The strain of living poor: Parenting, social support, and child mental health (pp.105-135). In A. C. Huston (Ed.), *Children in Poverty*. Cambridge University Press.
- Mora, L., Otálora, C., Recagno-Puente, I. (2005). Hombre y la mujer frente al hijo: Diferentes voces sobre su significado. *Psyke*, 14(2), 119-132.
- Muris, P., Meesters, C., Merckelbach, H., & Hülsebeck, P. (2000). Worry in children is related to perceived parental rearing and attachment. *Behaviour Research and Therapy*, 38, 487-497.
- Muris, P., Meesters, C., & van der Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171-183.
- Norman, W. T. (1967). 2800 Personality trait descriptors: normative operating characteristics for a university population. Retrieved from ERIC database {ED014738}
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança*. (8ª ed). Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

- Parke, R.D. (2002). Parenting in the new millennium: Prospects, promises, and pitfalls. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp.65-93). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parke, R., Buriel, R. (2006) Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.) *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504)
- Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Revista Psicologia*, 28(2), 1-10.
- Pereira, A.I.F., Canavarro, C., Cardoso, M.F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464.
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61 (4), 265-274.
- Pervin, L.A. & John, O.P. (2004) *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. (8ª ed). São Paulo: Artmed
- Petito, F. & Cummings, R. A. (2000). Quality of life in adolescence: the role of perceived control, parenting style and social support. *Behavior Change*, 17(3), 196-207.
- Ramey, S. L. (2002). The science and art of parenting. . In J.G. Borkowski, S.L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 47-71). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Repetti, R. L., Taylor, S. E., Seeman (2002). Risky Families: Family Social Environments and the Mental and Physical Health of Offspring. *Psychological Bulletin*, vol.128, 2, 330-336
- Rodrigo, M.J., & Palacios, J. (2008). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo-educativo de la familia. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 45-70). Madrid: Alianza Editorial.

- Rohner, R. P. (2000). Introduction, The Warmth Dimension, foundation of paternal acceptance-rejection theory. Storrs, CT: Rohner Research Publications, pp.14, 19
- Rohner, R. P. (2004). The parental “acceptance-rejection syndrome”: Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59, 827-840.
- Rohner, R. P., Khaleque, A., Cournoyer, D. E. (2012). Introduction to parental acceptance-rejection theory, methods, evidence, and implications. University of Connecticut.
- Rosenthal, R., Rubin, D. B. (1982). A simple, general purpose display of magnitude of experimental effect. *Journal of Educational Psychology* 74: 166-169
- Ross, M., & Conway, M. (1986). Remembering one`s own past. The construction of personal histories. In R. M. Sorrentino & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of motivational and cognition. Foundations of social behaviour* (pp. 122-144). New York Guilford.
- Russell, A., (1989). Russell G. Warmth in mother-child and father-child relationships in middle childhood. *British Journal of Developmental Psychology*. 7:219–235.
- Saegert, S., Winkel, G. H. (1990). Environmental psychology. *Annu. Rev. Psychol.* 41: 441-77.
- Schulenberg, J., Vondracek, F., Crouter, A. (1984). The influence of the family on vocational development. *Journal of marriage and the family*, 46, 129-143
- Schultz, D.P. & Schultz, S.E. (2002) *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning
- Scollon, C. N. & Diener, E. (2006). Love, work, and changes in extraversion and neuroticism over time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 1152-1165. doi: 10.1037/0022-3514.91.6.1152
- Shek, D. T. L. (1998). Adolescents’ perceptions of paternal and maternal parenting styles in a Chinese context. *The Journal of Psychology*. 132:527–537.
- Silva, M. R., Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 561-573
- Simões, S., Farate, C., Pocinho, M. (2011). Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das Crianças em Idade Escolar. *Interações*. 20. 75-99

- Spinetta, J. J., & Rigler, D. (1972). The child-abusing parent. A psychological review. *Psychological Bulletin*, 77, 296-304.
- Sroufe, L. A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: prospective, longitudinal data on the role of parents in development. In J.G. Borkowski, S. L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 187-202)
- Stenberg, L. (2001). We know some things: Parent- adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescent*, 11, 1-19.
- Sullivan, H. S. (1953). The interpersonal theory of psychiatry. In Pervin (Ed) *Personality*. John Willey & Sons, Inc. New York.
- Tacón A, Caldera Y. (2001). Attachment and parental correlates in late adolescent Mexican American women. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*. 23:71-87.
- Teixeira, M. & Lopes, F. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Terracciano, A., McCrae, R., Costa, P. T. (2010). Intra-individual change in personality stability and age. *Journal of Research in Personality*, 44, 31-37. doi: 10.1016/j.jrp.2009.09.006
- Teti, D.M. (2002). Retrospect and prospect in the psychological study of sibling relationships. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp.193-224). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Vondracek, F., Lerner, R., Schulenberg, J. (1986). *Career development: A life-span development approach*. New Jersey: LEA, pub. (cap.3)
- Yarrow, M. R., Campbell, J. D., & Burton, R. V. (1970). Recollections of Childhood. A study of the retrospective method. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 35 (5, Serial No 138).
- Young, R., Friesen, J., Turner, H., Johanna, T. (1994) Facilitive and no facilitive family environment and their effects on career choice. Reporto of research funded by the social Sciences and Humanities Research Council of canada (não publicado)
- Weber, L., Viezzer, A. & Brandenburg, O. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia*. 9(2). 227-237

Winsler A, Madigan AL, Aquilino SA. Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*.2005;20:1–12.

Apêndice I – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Esta investigação insere-se no Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Bárbara Gonzalez.

O objectivo deste estudo é o de obter uma melhor compreensão da relação entre a percepção que se tem sobre os estilos parentais recebidos na infância e adolescência e a personalidade na actualidade.

No âmbito desta investigação são utilizados questionários para a recolha de dados. Toda a investigação segue um padrão de anonimato, sendo que todos os dados aqui recolhidos são totalmente confidenciais. Os dados não serão analisados individualmente mas sim conjuntamente com as respostas de outros participantes, com fins unicamente estatísticos.

É indispensável que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados. Não existem respostas consideradas certas ou erradas, sendo apenas pedido que responda com a máxima sinceridade.

Os questionários devem ser preenchidos individualmente e o seu preenchimento leva cerca de 15 minutos.

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade na participação deste estudo, sem a qual o mesmo não seria possível. Lembro que a qualquer momento pode desistir do processo, sem que isso implique alguma consequência.

Os questionários que se seguem apresentam instruções que permitem facilitar o preenchimento adequado dos mesmos.

Por favor, leia com atenção as questões, respondendo a todas.

Muito obrigada!

Apêndice II – Questionário Sociodemográfico

Dados Sociodemográficos:

1. Género Masculino ☐ Feminino ☐
2. Idade: _____
3. Nacionalidade: _____
4. Estado civil: Solteiro/a ☐
União de facto / casado/a ☐
Divorciado/a ☐
Viúvo/a ☐
5. Habilitações Literárias: 1ºciclo (1ª à 4ªclasse) ☐
2ºciclo (5º a 6ºano) ☐
3ºciclo (7º a 9ºano) ☐
Ensino secundário (10º a 12º) ☐
Frequência universitária ☐
Licenciatura ☐
Mestrado/Doutoramento ☐
6. Profissão _____
7. Situação laboral: Activo ☐
Desempregado ☐
Reformado ☐
Outro: _____
8. Nível Socioeconómico na infância: Baixo ☐
Médio-baixo ☐
Médio ☐
Médio-alto ☐
Alto ☐
9. Filhos: Sim ☐ Não ☐
10. Mantém contacto actualmente com os seus pais: Sim ☐ Não ☐

11. Como avalia a qualidade da relação actual com os pais:

Muito boa	☐
Boa	☐
Média	☐
Má	☐
Muito má	☐

12 Faz algum tipo de medicação psiquiátrica: Sim Não

13 Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico: Sim ☐ Não ☐

Na infância:

14- Considera que teve:

Problemas de comportamento	☐
Depressão/ansiedade	☐
Aprendizagem	☐
Outros	☐

15- Teve acompanhamento psicológico para o seu problema Sim ☐
Não ☐

Anexo I - Questionário de Personalidade NEO-FFI

NEO-FFI Lima & Simões (2000)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz (X) o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões.

Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
-----------------------------	---------------	-------------	---------------	-----------------------------

		0	1	2	3	4
1.	Não sou uma pessoa preocupada.					
2.	Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3.	Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4.	Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5.	Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.					
6.	Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7.	Rio facilmente.					
8.	Quando encontro uma maneira correcta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					
9.	Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.					
10.	Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.					
11.	Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.					
12.	Não me considero uma pessoa alegre.					
13.	Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.					
14.	Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.					
15.	Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).					
16.	Raramente me sinto só ou abatido(a).					
17.	Gosto muito de falar com as outras pessoas.					
18.	Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.					
19.	Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.					
20.	Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.					
21.	Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).					
22.	Gosto de estar onde está a acção					
23.	A poesia pouco ou nada me diz.					
24.	Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
25.	Tenho objetivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.					
26.	Às vezes sinto-me completamente inútil.					
27.	Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).					
28.	Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.					
29.	Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, se as deixarmos.					
30.	Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.					
31.	Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).					
32.	Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					
33.	Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.					

34.	A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.					
35.	Trabalho muito para conseguir o que quero.					
36.	Muitas vezes aborreço-me a maneira como as pessoas me tratam.					
37.	Sou uma pessoa alegre e bem disposta.					
38.	Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.					
39.	Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
40.	Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.					
41.	Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.					
42.	Não sou um(a) grande optimista.					
43.	Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
44.	Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.					
45.	Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ter.					
46.	Raramente estou triste ou deprimido(a).					
47.	A minha vida decorre a um ritmo rápido.					
48.	Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.					
49.	Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).					
50.	Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					
51.	Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
52.	Sou uma pessoa muito activa.					
53.	Tenho muita curiosidade intelectual.					
54.	Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.					
55.	Parece que nunca consigo ser organizado(a).					
56.	Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.					
57.	Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.					
58.	Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstractas.					
59.	Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.					
60.	Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					

Anexo II - Questionário Práticas Parentais EMBU-memórias de infância

EMBU

(C. Perris, L. Jacobsson; H. Lindstrom; L. Von Knorring & H. Perris; 1984)

Umea University (Department of Psychiatry & WHO Collaborating Centre for Research and Training in Mental Health); Groningen University (Department of Psychology); Universidade Técnica de Lisboa (Departamento de Educação Especial e Reabilitação); Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia (Departamento de Terapêutica do Comportamento).

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua infância e adolescência

É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como os recorda, até ter a idade de 16 anos. Mesmo que às vezes seja difícil relembrar como é que o nossos pais se comportavam em relação a nós, quando eramos crianças e adolescentes, cada um de nós tem certas memórias dos princípios por eles utilizados na nossa educação.

Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo	Pai Mãe	☐	☐	☒	☐
1. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
2. Os meus pais elogiavam-me	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
4. Os meus pais deram-me mais castigos físicos do que eu merecia	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outras crianças eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
13. Eu era tratado(a) como a «ovelha ranhosa» ou como o «bode expiatório» da família	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas.	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais.	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguiam rigorosamente	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado	Pai Mãe	☐	☐	☐	☐